CIDADE DE
MORRO DA GARÇA

TEMPO DE HISTÓRIA 25 ANOS

1963

1988

HELVÉCIO BOAVENTURA LEITE

TEMPO DE HISTÓRIA

MORRO DA GARÇA

25 ANOS DE CIDADE

1963 - 1988

Helvécio Boaventura Leite

DEDICATÓRIA

Dedico este livreto a todos que, através do tempo, construíram o Morro da Garça e em especial, à memória de Maria Amélia e de José do Boa, que me fizeram. À lembrança saudosa dos deputados Renato Azeredo, Targino Raimundo de Figueiredo e Prefeitos Milton Diniz e Valter Coelho da Rocha, sempre presentes do saudoso Dr. Benedito José Barbosa (o nosso Benê da Lagoa do Peixe e dos Furados) por seu esforço, nome nacional no ensino e na jurisprudência, concretizando sonhos e devaneios da infência e da juventude. Ao deputado Lúcio de Souza Cruz, parente e amigo pelo que fez; a Zezé Boaventura irmão pelo que é; a meu filho (Helvécio, como eu) pelo gosto e pela dedicação à terra; aos tios Geraldo Raphael, Servita e José Arcanjo, quase centenários, histórias vivas e presentes e a muita gente mais...

Morro da Garça, outubro de 1988.

APRESENTAÇÃO I

Constitui para mim verdadeira honra e privilégio fazer a apresentação deste livro e do seu autor, que nele aborda de forma correta e concisa o mais importante e decisivo segmento da história de Morro da Garça.

O autor, nas páginas inçadas de amor, de emoção cívica e sensibilidade emergente, renova a lição imperecível de Tristão de Ataíde, segundo o qual "O homem é um ser preso à terra natal por laços que só a morte desata".

Helvécio Boaventura Leite, desde a juventude, revelou, como marco de sua personalidade, a obstinação nas lutas e nos embates da vida, permanente coragem, determinação, perseverança e forte compreensão do poder da vontade.

Aprendeu desde logo o ensinamento de Victor Hugo: "Querer é poder". Por isso mesmo, é um vitorioso na profissão nobre que adotou e exerce como um verdadeiro sacerdócio.

Não cabe falar de suas qualidades de liderança, citar suas lutas estudantis, ou, ainda, enumerar suas atividades acadêmicas, profissionais e associativas ou trabalhos científicos.

Mister se torna, no entanto, nesta oportunidade, lembrar que, de modesto jovem do interior, pelo seu esforço, tenacidade, indiscutível valor e inteligência,

ele se afirmou, projetou-se de tal forma no cenário médico de Minas - em especial, no setor hospitalar —, do País e até mesmo internacionalmente, que foi eleito sucessivamente para altos cargos e investiduras, tais como: Presidente da Associação de Hospitais de Minas Gerais e da Associação Brasileira de Hospitais; Presidente, por quatro mandatos, da Federação Brasileira de Hospitais membro do Conselho da Federação Internacional de Hospitais (Londres), Presidente da Federação Latino Americana de Hospitais (México).

Recebeu, ainda, dentre outras, as seguintes honrarias: Medalha da Inconfidência, Medalha de Carlos Chagas e Medalha de Santos Dumont, conferidas pelo Governo de Minas Gerais Membro honorário da Associação Mexicana de Hospitais e da Confederação Argentina de Hospitais Privados.

Finalmente é de se ressaltar a pertinaz e vitoriosa luta que empreendeu ao lado do ilustre professor Hilton Rocha e de outros luminares da ciência médica contra a estatização e a favor da livre iniciativa na área da saúde quando dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte.

Este livro retrata com fidelidade — disso sou testemunha — a vigorosa luta empreendida por iniciativa do seu autor e de outras pessoas em prol da emancipação do Distrito de Morro da Garça.

Certa vez, nosso conterrâneo, o brilhante jornalista curvelana Geraldo Diniz Resende, também um dos membros da Comissão de Emancipação do Distrito de Morro da Graça e um dos mais atilados analistas políticos

de sua época, escreveu "Como Nabuco teve a sua Massaga na". Helvécio tem o seu "Morro", que ficará para sempre como altar de suas crenças um oráculo da fé cívica e efetiva onde, nas horas de lamento e desesperança, vai recobrar energias, como na lenda do gigante Anteu.

De fato, o autor, em toda e sua existência, se identificou com sua terra e com sua gente, com o bucolismo do seu "Morro", seus prados verdejantes e, sobretudo, com o velho casarão que o viu nascer, hoje transformado em memorial da família, onde a vida presente se mistura com as lembranças do tempo e das pessoas.

Gostaria de reproduzir aqui, se pudesse, "ipsis litteris", um pensamento do meu saudoso e amantíssimo pai, professor Ricardo de Souza Cruz. Tento fazê-lo: "A idéia, por mais genial que seja, é como o perfume de uma flor esvai-se e desaparece rapidamente, se uma força criadora não lhe dá vida e não a faz a serviço da humanidade". Foi Helvécio, foram seus irmãos - Antônio, José e Vicente -, seus cunhados - Milton Diniz, Targino Raimundo e José Antonio - que deram vida e força a essa idéia, transformando-a em realidade. O deputado Renato Azeredo de saudosa memória, e eu fomos apenas instrumentos.

A grande dificuldade, o maior óbice era que o Distrito a rigor, não preenchia os requisitos legais para a emancipação. Este obstáculo foi superado com a aprovação do voto de nossa modesta autoria que, para registro histórico, aqui transcrevo: foi proferido quando da votação do Projeto de Lei nº 159, em 25 de dezem

bro de 1962, na Comissão Administrativa da augusta Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

"A Comissão Prõ-Emancipação do Distrito de Morro da Garça, pelo seu presidente, Dr. Helvécio Boaventura Leite, ilustre filho do lugar, pleiteia a elevação do Distrito à categoria de Município.

Ninguém mais do que nós está em condições de falar sobre a justa aspiração do povo daquela florescente e futurosa comunidade. Desde a época em que freqüentávamos o Liceu Mineiro, de Curvelo, aprendemos a estimar e admirar a gente simples, boa e laboriosa de Morro da Garça, constituída, em sua quase totalidade, de parentes. Por isso mesmo é que, desde a primeira hora, abraçamos a causa da emancipação do Distrito. Estivemos presentes ao ato da escolha dos membros da Comissão Emancipadora. Toda a população lá se reuniu cheia de esperança, dominada pelo desejo de progredir, de despertar a sua terra do marasmo e da letargia em que jaz.

Não havia distinção de classes, de matizes sociais, ou de coloração partidária. Era um povo consciente e livre, que se unia para lutar pela sua emancipação administrativa. Lá tivemos a oportunidade de sentir mais ao vivo, de compreender o verdadeiro significado do problema de emancipação dos distritos. Firmamos a convicção de que ao legislador cabe o dever de apreciar a matéria com certa liberalidade, isto é, sem se ater aos critérios rígidos da lei.

Na realidade, com a nova discriminação de rendas, assegurando aos municípios brasileiros recursos financeiros apreciáveis, a emancipação de distritos é um instrumento de combate ao subdesenvolvimento. É, inegavelmente, um meio de proporcionar progresso às populações abandonadas do "hiterland" brasileiro, de assegurar-lhes melhores condições de vida, a fim de que possam ascender na escala social, econômica e cultural do País.

Robusteceu-se em nós, ainda mais, a determinação de amparar e advogar a causa da emancipação de Morro da Garça.

Estamos plenamente convencidos de que, concedida a carta de alforria administrativa, o panorama do lugar, dentro em breve, se modificará completamente e o seu povo poderá desfrutar os benefícios da civilização.

Destarte, votamos favoravelmente à elevação do Distrito de Morro da Garça à categoria de Município, com a mesma toponímia e dentro de suas atuais divisas, o que se impõe como imperativo de integração econômica, de progresso e de justiça."

Este "Tempo de História" demonstra como o "Morro" mudou, cresceu e melhorou nesses vinte e cinco anos de cidade. A esperança e o sonho se transformaram em realidade. Contudo, ainda há uma longa estrada a percorrer, para se elevar o padrão de vida do seu povo bom, amigo e generoso.

Morro da Garça não é apenas um acidente geográfi-

co. Foi Deus quem o criou, belo e majestoso. No passado longínquo, ele guiou e orientou os viajores e peregrinos em suas longas caminhadas.

Padre Joaquim Luís da Silveira, em sua bela poesia "A Montanha", ensina em formosos versos:

Das várias belezas por Deus criadas
uma, entre mil, à granel, esparça,
pelo seu perfil singular, destaca-se
o muito imponente Morro da Garça.

Como é belo em dia de névoa,
ele vestido de nívea roupagem
qual garça enorme de imenso lago
mirando, vaidosa, a linda plumagem.

Mais ei-lo de pé, qual padrão de glória
do belo arraial a quem deu seu nome
despertando nos diletos filhos
do nobre progresso a sagrada fome.

Não estais ouvindo, ó do Morro, filhos
daquela eminência, uma voz?... Ouçamos
É brado de alerta, sonho de glória!
Ela vos diz: "Para o alto, meus filhos, vamos!"

Salve, Morro, arrebatador e belo!
Salve, da natureza, imortal primor!
Tu és um trono, um altar erguido,
a honra e a glória do teu criador!

Na paisagem humana de Morro da Garça, o autor, embora modesto, é a figura maior.

Avante, com ele, para a nova arrancada, para a emancipação econômica e social do seu povo, para assegurar-lhe melhores condições de vida, rumo ao progresso, para integral realização dos seus elevados destinos!

Parabēns ao Morro da Garça, Parabēns ao autor!

Belo Horizonte, outubro de 1988.

Lūcio de Souza Cruz

APRESENTAÇÃO II

No ano de jubileu de prata da cidade de Morro da Garça, houve por bem a Prefeitura Municipal festejar a efemēride, com comemorações que marcassem a importância desse tempo que passa.

Ao Dr. Helvēcio Boaventura Leite, inspirador maior da emancipação, pelo seu zelo, relicário dos fatos e documentos dessa fase da nossa histōria, foi solicitado um trabalho que resgatasse essa memōria.

Aqui está "Tempo de Histōria da Cidade de Morro da Garça", retrato fiel de tantos anos, de tantos acontecimentos e de tantos personagens.

Podemos testemunhar a fidelidade desse trabalho, pois, com muita honra, participamos desse movimento que deu à nossa terra os foros de cidade. Acompanhamos os fatos no dia-a-dia até esse significativo quarto de sēculo.

Das pessoas que aqui fazem histōria, muitas continuam no nosso convīvio diārio; outras, afastadas da terra, reaparecem.

Muitas definitivamente se foram, mas são presença pelo que representaram e realizaram, e vivem na saudade de muitos.

A todos, personagens importantes da nossa comunidade, não importando a sua eventual posição política, a homenagem de todos nós, morrogarcenses de ontem e de hoje.

Como prefeito municipal, desde 1983, procuramos captar os anseios de nossa gente, tudo fazendo para concretizar os desejos, os sonhos e os devaneios daqueles que emanciparam o Morro, entre os quais, sem falsa modéstia, incluímo-nos.

Aos jovens da nossa terra, com quem nos identificamos desde o início de nossa gestão, o apelo para que continuem a fazer a história com atos e fatos, com amor e desvelo.

Em nosso nome pessoal, do vice-prefeito Antônio Fernandes Neto, e dos vereadores, as congratulações com o autor por mais esta contribuição à sua terra.

Morro da Garça, outubro de 1988.

José Antônio de Oliveira
Prefeito Municipal

ÍNDICE

Página

DEDICATÓRIA

APRESENTAÇÃO

SONHOS..... 01

COMEÇO 02

A COMISSÃO DE EMANCIPAÇÃO..... 03

A ESPERA..... 06

A GRANDE TARDE E A LONGA NOITE.,..... 08

A LEI E A INTENDÊNCIA..... 10

A INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO..... 12

CONVITE..... 12

A MISSA 13

A SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO..... 22

DISCURSO DO DR. BENEDITO JOSÉ BARBOSA..... 24

A EMANCIPAÇÃO FIGURA NA IMPRENSA - I..... 29

A EMANCIPAÇÃO FIGURA NA IMPRENSA - II..... 31

O PROCESSO ELEITORAL - A 1ª ELEIÇÃO..... 36

OS EMANCIPADORES..... 37

LÚCIO DE SOUZA CRUZ 37

RENATO AZEREDO..... 38

DISCURSO DE POSSE DO 1º PREFEITO..... 40

O 1º PREFEITO..... 43

A IMPRENSA NOTICIA... 46

O 2º PREFEITO..... 48

O 3º PREFEITO..... 51

O 4º PREFEITO..... 51

O 5º PREFEITO..... 52

O 6º PREFEITO..... 53

Página

RELAÇÃO DE VEREADORES DA CÂMARA MUNICIPAL DE MORRO DA GARÇA NAS DIVERSAS GESTÕES..... 57

FATOS EXCEPCIONAIS E OUTROS FATOS..... 59

CONCLUSÃO..... 67

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA.....

SONHOS

Morro da Garça - Natal, 1961

No velho casarão de José do Boa e Maria Amélia, o borborinho de filhos, noras, genros e netos reunidos para as comemorações do Natal - tradição que se renova a cada ano, fizesse sol ou fizesse chuva. Quase sempre fazia chuva, e como! Naquele tempo as coisas já não eram como antes, o velho já não alegrava a casa com as canções de Natal na sua clarineta, acompanhado pelo Biúca no violão e o Quinquim de Servita no cavaquinho. Mas é assim mesmo, o Natal vai mudando com os anos e com as pessoas. Naquele tempo, entretanto, todos ainda se reuniam e havia, antes da missa do Galo, as conversas nas salas, nos corredores, nos quartos, na venda e na cozinha.

Na cozinha ficavam os mais velhos - troca de idéias, de informações, reminiscências, saudades, conversas sem fim; Natal é tempo de lembranças, sobretudo quando na cozinha alimentadas por coisas boas saindo do fogão de lenha, arte de D. Maria Amélia e da Marião. Na nossa casa, a ceia antecedia a missa na velha igreja Matriz.

Assuntos vêm, assuntos vão, Zezé puxa conversa sobre política - UDN, PSD, PR, PTB, Assembléia Legislativa, projeto de criação de novos municípios que o jornal do dia publicava - e indaga: Por que não tentar incluir o Morro nessa história?

Sonhos! Sonhos! - diz o José do Boa no seu prag-

matismo sempre presente. A conversa não pára aí. Discutem-se os requisitos exigidos pela lei - população, número de casas no perímetro urbano, renda do distrito, etc - lamentavelmente, nem o cemitério, guardião de nossas relíquias, havia na época.

Mas importa não, diz Helvécio; outros distritos também sem condições de satisfazer a essas exigências já estão na lista, aguardando a boa vontade dos legisladores. E por lembrar o nome de Lúcio de Souza Cruz, nosso parente, deputado na Assembléia de Minas e membro da Comissão de Revisão Administrativa, fiquei incumbido de procurar o ilustre parente e conversar com ele sobre a nossa emancipação.

Sonho de uma noite de Natal.

COMEÇO

Belo Horizonte - 1961, entre o Natal e o Ano Novo

Assembléia Legislativa - Rua Tamoios, tarde chuvosa, gente para lá, gente para cá, gente entrando, gente saindo e entre esses encontro o deputado.

Cumprimentos, abraços, convite para o cafezinho logo em frente.

Já no começo da conversa o estímulo logo presente: "Vamos incluir na listagem o nosso Morro, terra dos meus ancestrais e de onde guardo lembranças que não se apagam, pois são da meninice.

O papo continua agora no seu gabinete, e são analisadas as condições mínimas exigidas.

Diz o deputado que a redivisão municipal será feita muito mais por critério político do que técnico.

Há um consenso de que aumentar o número de municípios é carrear cada vez mais novos recursos federais para o Estado, tendo em vista os novos critérios de distribuição de rendas federais - e nesse aspecto Minas Gerais não inova; apenas imita o que fazem outros Estados da federação.

Ali mesmo e na mesma hora, foi dada a orientação de como proceder, porquanto as providências deveriam ser tomadas rapidamente, dentro do prazo da legislação.

A COMISSÃO DE EMANCIPAÇÃO

Janeiro, dia 3, 1962, 14 horas, prédio das Escolas Reunidas (hoje Ginásio)

Cerca de 150 pessoas naquela primeira reunião. O trabalho de arregimentação foi perfeito, apesar do curto espaço de tempo.

Augusto de Juca ou Augusto de Amélia e Geraldinho de Alzira (lembram-se deles?), a cavalo, levaram a todo o distrito a boa nova e o convite para a reunião.

A ata, documento primeiro e indispensável, documento de vontade popular, foi redigida por José Marcos de Souza, também de raízes morrogarcenses, com o seguinte teor :

"ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO PARA A FORMAÇÃO DA COMISSÃO DE EMANCIPAÇÃO DO DISTRITO DE MORRO DA GARÇA.

Aos três dias do mês de janeiro no ano de mil novecentos e sessenta e dois, neste distrito de Morro do Garça, município de Curvelo, Estado de Minas Gerais, às quatorze horas, nas Escolas Reunidas da sede do referi

do distrito, com a presença do ilustre Deputado Lūcio de Souza Cruz, reuniram-se inūmeros moradores do lugar e de lugares vizinhos. A reunião, sob a presidência do Dr. Helvēcio Boaventura Leite, teve a finalidade de criar a Comissão de Emancipação do distrito de Morro da Garça. Inicialmente, usando a palavra, o Sr. Presidente fez a apresentação do Deputado Lūcio de Souza Cruz, explicando o objetivo da reunião, qual seja: a formação de uma comissão com a finalidade de trabalhar pela emancipação deste prōspero distrito. O Dr. Hēlvecio frisou que o ilustre Deputado, que está dando cobertura a esta reivindicação, é nosso conterrâneo. Destacou que o Dr. Lūcio sempre teve, desde a sua infância, grande amizade por este distrito onde passava as suas fērias, desfrutando o convīvio amigo deste gente ordeira e trabalhadora e, agora, nas suas funções parlamentares, o Dr. Lūcio Cruz volta novamente suas vistas para este local, na esperança de dar a ele a sua almejada emancipação polītica. Logo a seguir, usou da palavra o Deputado Lūcio de Souza Cruz, que, depois de saudar o povo do distrito, passou a explicar as grandes vantagens da pretendida emancipação. Traçou em linhas gerais os requisitos necessārios exigidos dos distritos brasileiros e mineiros, em particular. Em seguida, salientou o abandono em que se encontram os distritos, não sō o de Morro do Garça, mas todos os outros e disse que a ūnica maneira de lutar por eles seria lutar por sua emancipação. Continuando, mostrou os diversos benefīcios que irā trazer para o distrito de Morro do Garça e para toda a população a con

sumação do que se pretendia. Foi, a seguir, eleita a seguinte comissão para tratar do assunto: Presidente de Honra: Professor Clóvis Salgado, Vice-Governador do Estado; Presidente: Dr. Helvécio Boaventura Leite; Secretário: José Boaventura Leite Júnior; membros natos: Joaquim Francisco Pereira Leite, Regino Pereira Leite, João Pereira da Rocha, Ibrahim Diamantino, José Boaventura Leite, jornalista Geraldo Diniz Resende, Luís Alves Coelho, Pedro Pereira Mariz, Augusto Diniz Magalhães, Josephino Vital Rego, Adelino José Soares, Antônio Boaventura Leite, Professora Maria da Conceição Pereira Leite, José Nogueira Duarte e José Antônio de Oliveira. Além dos acima citados, assinaram a ata: José Alves Teixeira, Alberto Afonso Peixoto, João Pereira Leite Filho, Joaquim Fernandes de Moura, Jesuíno Dias Magalhães, Antônio Vicente Leite, Vicente de Paulo Boaventura, Thieris Guimarães, Franco Ribeiro Lopes, Joaquim Ribeiro Guimarães, Augusto Dias Magalhães, Juventino Gonçalves de Souza, Arnaldo Moreira Marques, João Raimundo de Oliveira, Raimundo Gregório de Souza, Valter Coelho da Rocha, Manoel Gualberto da Silva, Geraldo Amâncio de Souza, Pedro de Freitas Matos, Adelino Pereira da Cruz, Noé Soares Diniz, José Justino Leite, Geraldo Pereira da Cruz, Vicente de Paula Leite, Raimundo Fernandes Leite, Juvenal Rodrigues, José Magalhães Leite, Antônio Alves Coelho, Onofre Soares Leite, João Rodrigues Diniz, João Augusto da Silveira, Joaquim Leopoldo Sampaio, Basílio Dias de Magalhães, Frei Alberto - OFM, Antônio Alves Teixeira, José Arcanjo Filho, José Gonçalves Ramos, Antônio Lopes Matoso, Júlio Pereira Lei-

te, Augusto Ferreira dos Santos, Amadeu Ferreira Leite, Adelino Marques dos Santos, Celestino José Ribeiro, Domingos Mariz Neto Domingos Pereira da Rocha Filho, Francisco Dias Magalhães, José Diniz Magalhães, Joaquim Dias Magalhães, João Martins de Araújo, Lucídio José das Neves. Pedro José de Almeida, Raimundo Diniz Magalhães, Teodoro Dias de Magalhães, Vicente de Paulo Sampaio, Valfrido Pereira Leite, Joaquim Fernandes da Silva, José Júlio P. Leite, Bernadete L. Leite, Margarida Ferreira dos Santos, Maria José Santos, Doralice Ferreira Leite.

A ESPERA

1962, de janeiro a dezembro

O trabalho de angariar apoio e simpatia para a causa emancipacionista se desenvolveu em âmbito municipal e estadual. Em ambos os níveis, poucos eram os que acreditavam no sucesso da empreitada.

Morro, cidade, como? Com que elementos?

Puro sonho - ilusão...

Mas o apoio chegou de muitos e a negativa, de uns poucos.

As autoridade municipais de Curvelo na época — o prefeito, Dr. Evaristo Soares de Paula, e o vice-prefeito, Targino Raimundo de Figueiredo — de imediato somaram se a nós.

Em termos políticos, essas autoridades trouxeram para a nossa causa o apoio do Deputado Renato Azeredo e com ele os votos do antigo PSD na época majoritário na Assembléia de Minas.

O interessante e que o PSD — dirigido em Curvelo

pelo lendária figura do Dr. Juvenal Gonzaga Pereira da Fonseca — era quase inexistente no Morro, porque, enquanto governo, nos quinze anos da ditadura Vargas, essa corrente política relegara o nosso distrito ao abandono. E havia também a antiga política: Vianas X Mascarenhas. O Morro era vianista.

O povo do distrito, na sua sabedoria, e com a arma que possuía, dava nas eleições a única resposta possível - votava contra. O Morro só sobreviveu graças ao amor de seus filhos ao velho rincão.

A solidariedade do PSD redimiu o passado e abriu portas para o futuro.

Ainda nessas considerações históricas convêm lembrar a posição tomada pelas correntes contrárias ao PSD em Curvelo, filiadas à UDN e lideradas pelo Dr. Paulo de Salvo. A UDN era quase o partido único do Morro, com 95% dos votos.

O Dr. Paulo, como homem e como político, era o ídolo da comunidade morrogarcense. Proprietário e fazendeiro no distrito, servia a todos e em todos os sentidos com a sua generosidade, amor ao próximo, simpatia, lhaneza de trato. Duas vezes foi prefeito de Curvelo com a unanimidade dos votos do Morro - então, votos decisivos - e nas suas administrações fez o que podia para tirar o distrito do abandono e do esquecimento.

Quanto à emancipação, porém, a sua posição, de início dúbia, tornou-se totalmente contrária.

Razões: não se sabe até hoje. Com os poderes advindos do prestígio de Deputado e de Secretário de Estado da Agricultura do Governo Magalhães Pinto, tomou

posição em detrimento dos anseios do distrito não só na Assembléia Legislativa, como também em nível local. Aqui dividiu famílias, fato entristecedor que, lamentavelmente, persiste até os nossos dias.

Rachou-se a nossa Comissão de Emancipação com a saída de ilustres companheiros: João Pereira da Rocha, Regino Pereira Leite, Josephino Vital e alguns ramos da família Alves Coelho. Os que permaneceram se desdobraram até a vitória final, e a eles foram creditados os loiros, só a eles.

Constam dos anais da Assembléia de Minas os veementes discursos do deputado udenista Luís Maranha, que nominalmente citava Morro da Garça como exemplo de distrito que não deveria ser emancipado. Constam também nesses anais as posições de defesa dos deputados Lúcio de Souza Cruz e Renato Azeredo, identificados com as nossas aspirações.

A história é política, como a política é história — esses fatos nem sempre agradáveis são registrados por terem relevância para o futuro, se houver julgamento...

A GRANDE TARDE E A LONGA NOITE

Belo Horizonte - Assembléia Legislativa, 28/29 de dezembro de 1962.

Fervilhava o Plenário, fervilhavam as galerias. Nem um lugar vago. Quem não chegou cedo não entrou. Felizmente, a delegação do Morro (Helvécio, Padre Leite e José Antônio) cedo estava lá e bem situada para tudo ver e tudo ouvir. Naquela tarde, tudo seria decidido

em termos do Projeto nº 2.525. Era o prazo fatal, o dia do tudo ou nada. Sabíamos, por informações do nossos deputados, existirem ainda algumas pendências e, entre elas, Morro da Garça e Inimutaba. Coisas de política curvelana. O PSD, atendendo a interesses da família Mascarenhas e da Cia Cedro e Cachoeira, tentava impedir a emancipação de Inimutaba e a UDN jogava bruto, bloqueando as pretensões do Morro.

Tentou-se um acordo para a exclusão dos dois distritos. Lúcio não aceita e a bancada do PR - Partido Republicano — se rebela, fazendo obstrução; o mesmo ocorre com o deputado do PTB Waldomiro Lobo que, só contando histórias hilariantes, falou por mais de cinco horas. De cima, tensos, acompanhávamos os acontecimentos. Campainhas soavam, debates se intensificavam . Deputados num entre-e-sai do plenário para as salas de comissões. A um sinal de dedo do Lúcio, entendemos que o acordo final fora feito e o Morro e Inimutaba seriam emancipados - alegria, alegria, vitória, vitória!

O Presidente da Assembléia, deputado Pio Canedo, anuncia o acordo, convoca a votação e há a aprovação unânime do projeto, que foi publicado no Minas Gerais de 30/12/62, como a Lei nº 2.764. Em um minuto, o mapa de Minas estava mudado e o nosso Morro passava a ter presença.

As primeiras luzes daquela madrugada de sábado, 29 de dezembro de 1962, clareavam os horizontes, os belos horizontes da Capital mineira. Helvécio, Padre Leite e José Antônio acabavam de assistir a um fato marcante na vida de nossa terra.

Como os três mosqueteiros da história, voltaram à terra para pessoalmente transmitirem a boa nova.

O SONHO SE REALIZOU

E o povo comemorou a seu modo, com muita festa, muito barulho de sinos, músicas, danças e espocar de fogos e...

Saudosas lembranças se guardam daquele dia.

A LEI E A INTENDÊNCIA

A Lei nº 3.764, nos seus artigos 7º e 8º, estabelecia:

"Art.7º - Até que se realizem eleições para prefeito, vice-prefeito, juiz de paz e suplentes nos novos municípios e se instale a sua administração própria, serão eles administrados por intendentes. Será obedecida a seguinte ordem de sucessão, no caso de não haver falta ou impedimento, um dos seguintes:

1 - o vereador mais votado no distrito emancipado;

2 - o juiz de paz;

3 - os suplentes do juiz de paz, pela ordem de maior votação.

§1º - A votação a que se refere o artigo é a obtida nas eleições de 7 de outubro de 1962.

Art.8º - O Juiz de Direito da Comarca ou seu substituto legal, nos termos da Lei de Organização Judiciária, dará posse ao intendente, que tomará as providências para a instalação do município dentro de 60 dias contados da vigência desta lei".

Pelos critérios da lei, o intendente deveria ser uma das seguintes pessoas, obedecida a ordem:

1 - Antônio Coelho da Rocha , vereador;
2 - Amadeu Ferreira Leite, Juiz de Paz;
3 - Júlio Pereira Leite, suplente.
4 - Raimundo Martins Araújo, suplente;
5 - Thiers Guimarães, suplente.

O primeiro, Antônio Coelho da Rocha, sentiu-se impedido por desejar disputar a prefeitura como candidato da UDN, o que de fato aconteceu. Os demais, por serem ligados ao grupo emancipador, foram ignorados, numa jogada política com a complacência do Juiz da Comarca, Dr. Sílvio de Oliveira Coimbra, que, segundo as más línguas, era um udenista notório. A lei foi desobedecida por quem deveria mantê-la. Coisas da política! Apesar dos protestos, o nomeado foi o Sr. Júlio de Melo Franco Neiva, de Paracatu, funcionário do DER de Curvelo. Não conhecia a nossa terra e nem ela o conhecia . Não se discutem as qualidades técnicas e humanas do indicado. Discutiram-se os critérios da sua indicação, nada legais. Na verdade, cada um tem a sua porta de entrada na História. Na do Morro da Garça, o juiz, o Sr. Intendente e os que lutaram por ele entraram pela porta do fundo, se é que entraram.

Guarda-se o pesar de não ter sido um dos nossos conterrâneos, Amadeu Ferreira Leite, Júlio Pereira Leite, Raimundo Martins Araújo ou Thiers Guimarães, morrogarcenses de alma, nascimento e tradição, um deles o primeiro filho a administrar nossa terra. Curioso, um ano antes da Revolução de 64, eles tiveram cassados os seus legítimos direitos.

Mas agora esses nossos conterrâneos entram na História pela porta da frente, e é para isso que estamos narrando esses acontecimentos.

A INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO - 1º DE MARÇO DE 1963

Convite

A Comissão de Emancipação de Morro da Garça tem o prazer de convidar V.Sa. para as solenidades da instalação do novo Município em 1º de março de 1963.

Helvécio Boaventura Leite
Presidente

PROGRAMA: Às 5 horas: Alvorada festiva.
Às 7:30 horas: Missa solene, celebrada pelo Revmo. Sr. Vigário, Frei Anselmo Kropmam-OFM e sermão congratulatório pelo Padre João Batista Boaventura Leite.
Às 10 horas: Instalação dos serviços municipais pelo Sr. Juiz da Comarca e posse do Intendente.

Esse simples convite levou ao Morro multidão incalculável de conterrâneos e delegações de Curvelo, Corinto, Felixlândia, Pirapora e Belo Horizonte.

A MISSA

Na missa festiva, o Padre Leite proferiu o seguinte sermão:

"Se Deus não edificar a casa, em vão trabalham os que querem edificá-la" (Salmo 126).

O velho Morro estremece, hoje, de júbilo. A redenção política bateu à porta de nossa terra. A esperança de melhores dias é como uma bandeira desfraldada nos corações dos seus filhos. Uma aspiração legítima hoje se concretiza. Uma sadia política municipalista, não olhando apenas a letra da lei, mas outros fatores, humanos e geográficos, sancionou essa aspiração ardente de um povo que quer chegar à maioridade de dirigir os seus próprios destinos. A terra, que sempre deu e muito pouco recebeu, vai ver os seus recursos, arrancados com dor e sacrifício, reinvestidos no lugar donde saíram.

A roça que sempre dá, que reúne os capitais que constroem a grandeza de nossas cidades, não pode ficar sempre esquecida. E já é uma alegria vermos despertar no Brasil o interesse pela zona rural, que, no dizer de João XXIII, na grande encíclica social Mater et Magistra, é "um setor deprimido, tanto no que diz respeito ao índice de produtividade da mão-de-obra, como no que se refere ao nível de vida".

A autonomia, senhores, de um lugar como este, é como que uma devolução ao que a roça deu e continua a dar para a prosperidade das cidades maiores.

Reunidos aqui, na Casa Comum, ao Pai das luzes, do qual vem todo dom perfeito - na expressão de S. Tiago,

apóstolo - vimos render as nossas primeiras e justas homenagens, a nossa fervorosa ação de graças. Pois é Deus quem escreve a página feliz deste momento. Os políticos, embora muito lhes devamos, são instrumentos de sua Providência, no governo temporal do mundo.

A Deus vimos elevar o nosso pensamento agradecido, pois Ele permitiu o encontro de circunstâncias favoráveis e a unanimidade, o que resultou na emancipação política de nossa terra.

Se a hora é de júbilo, se a hora é de agradecimento, ela nos convida a uma meditação sobre os nossos destinos. O Salmo 126 forneceu-me o tema dessas reflexões: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que procuram edificá-la".

Esta presença de Deus deve estar na edificação jurídica, econômica e religiosa de nosso município pelos exemplos que nos legaram os nossos antepassados; pelas diretivas da Igreja, Mãe e Mestra dos povos; pela fé em Deus, a religiosidade católica que fincou fundo a história da civilização brasileira. Desde Pedro Álvares Cabral, plantando a cruz nas praias de Porto Seguro, e Frei Henrique de Coimbra, celebrando a primeira missa em ação de graças pela terra do Brasil, aos bandeirantes que devassaram o interior de nossa pátria, levando sempre o altar e o capelão, nas matas virgens e nos campos dilatados, fizeram eles a oferta das primícias ao Senhor de todas as coisas.

A esses homens audazes, o Morro da Garça, como o Itacolomi e outros picos legendários de Minas, foi, co-

mo um semáforo, a garantia e a certeza do caminho dos currais, para as minas do Sabarã. Veio a fixação. Vaqueiros baianos e paulistas, acreditando mais na civilização do couro do que no ouro, estabeleceram as primeiras fazendas de criar nos campos da Garça. Onde antes se ouviram os alaridos de querra dos rudes Coroados ou Arrepiados, ecoava o aboio dolente dos vaqueiros e os mugidos tranqllilos dos bovinos.

A capelinha da Garça surgiu em breve, como a presença sensível de Deus na imensidade dos cerradões. Frei Amaro do Santo Deus pastoreava o pequeno rebanho, batizava as crianças, dava o alimento da Eucaristia e da Cataquese, unia os moços e as moças junto ao altar, fechava os olhos dos velhos para abri-los à luz sem sombra da Divindade. No altar, a doce imagem de Nossa Senhora das Maravilhas envolvia com um olhar de bonda de a vida dura e heróica dos sertanejos. S. Sebastião, entre muitos advogados celestiais, era o protetor contra as doenças do gado. Assim, o santo militar, que, no Rio, ajudava a desalojar a heresia calvinista, no interior se incumbia, graciosamente, da defesa dos bens dos sertanejos, sem os quais é difícil servir a Deus.

O latifúndio, na forma jurídica das sesmarias, foi a primeira fase da conquista da terra: Jacobina, Tanque e Lagoa, porventura os mais velhos atestados dessa fase colonial. Constituía-se a família patriarcal, como nos tempos bíblicos, com aquele sentido profundo da presença de Deus, representado pela autoridade forte e providente do sesmeiro. Manoel Azevedo, Manoel Dias

Magalhães, Paulino Pereira da Silva, Teodósio Alves Rocha, que o Morro não pode esquecer, junto com João Pereira da Silva, cujos descendentes estão a me ouvir, o ilustre Secretário da Viação, Dr. Lúcio de Souza Cruz, contemporâneo dos mais próximos do velho tronco do Riachão, é uma constante, senhores, na vida desses homens, pilares da nacionalidade, a inquebrantável confiança no auxílio de Deus, para a construção da casa dos seus descendentes. Plantadores de fé e de civilização poderíamos chamá-los. Acreditavam, ou melhor, viviam, cotidianamente, a grande verdade: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que procuram edificá-la".

Que exemplo de fé não nos legou João Pereira da Silveira! Morador desse remoto sertão, morreu como presidente de honra da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto, à qual fez doações generosas. Mas a maior doação que ele quis fazer foi o seu filho, Manoel Pereira da Silveira. Moço inteligente, cursou com brilhantismo o Seminário de Mariana nos primeiros anos do reinado de D. Pedro I. Pouco antes de sua ordenação, compreendeu que não era esse o seu caminho. Serviria a Deus servindo à sua terra, lançando-se nos debates jurídicos dos auditórios públicos da Comarca de Sabará, nos embates políticos do município de Curvelo. E ali redigiu a primeira ata da eleição de vereadores e chegou ao apogeu de sua carreira política na Assembléia Provincial, onde apresentou a elevação de Morro à categoria de paróquia, fato que se deu um ano depois de sua morte, em 1866. O filho, Pe. Porfírio Pereira da Silva,

substituí-lo-ia no altar, com os exemplos de uma autêntica vocação sacerdotal nas diversas paróquias que regeu esse primeiro filho que o Morro ofereceu ao serviço de Deus.

O longo paroquiato de Pe. Joaquim José da Silveira, segundo sacerdote desta terra, junto com a atuação valiosa de seu cunhado, Regino Pereira Leite, capitão Regino, marca a maior prosperidade, no fim do século passado e princípio deste. Paroquiato cujo marco glorioso é esta igreja, onde rezaram centenas de gerações ao Senhor.

Depois vieram a decadência e o desalento. A exaustão das manchas férteis, cultivadas de modo primitivo, chamou ainda mais o gado, afugentou o homem. Os centros distantes aliciavam, com o trabalho e os melhores salários. Novas e progressistas cidades, rasgadas pelos trilhos, como Curvelo, Corinto e Pirapora, reclamavam o espírito de iniciativa de homens desta terra, sementeira de valores novos e de famílias dignas, que ajudaram a construir a prosperidade dessas localidades.

Deus não só constrói na prosperidade. As dificuldades, as derrotas e até os nossos pecados, humildemente reconhecidos, são argamassa com que Deus solidifica a sua habitação em nós. Com o olhar voltado para Deus, esse povo esperou contra toda a esperança. Desassistido dos poderes públicos, sem água encanada, sem postos de saúde, sem energia elétrica adequada, vivendo de promessas, não desanimou.

Porém, não basta olhar para o céu e tomar uma atitude fatalística de resignação, esperando talvez

que a felicidade, o progresso caiam prē-fabricados do alto. "Ajuda-te, que Deus te ajudarā".

Compreenderam-nos homens idealistas e amantes de sua terra. Movimentaram-se para que surgisse a emancipação, fundamento inicial do seu progresso. Hoje, estamos vivendo aquilo que não ē mais uma aspiração, mas uma feliz realidade. Quais as nossas disposições?

Deus edificou esta casa com aqueles que nos precederam. Para que haja solução de continuidade, ē preciso que demos a nossa maturidade humana e cristã. Excluamos, portanto, o individualismo. Reprimamos a ambição de mandar, o desejo de cargos políticos, apenas para satisfazer aos pruridos de poder. A emancipação não veio, apenas, criar mais cargos. Sabemos que o empreguismo ē dos grandes males que emperram a māquina administrativa do Brasil. Existem cargos, assim como direitos e deveres, como salārios, mas tambēm existem tarefa reais. Deus livre este municīpio dos que querem, à sombra do poder pūblico, ganhar sem trabalhar. Esperamos essa dignidade e consciência do bem pūblico daqueles que vão governar este municīpio, no interregno, atē as eleições. Nōs o esperamos, tambēm, do prefeito e de seus auxiliares, dos vereadores e de outras autoridades que as eleições vieram a escolher ou as nomeações designarem.

Amigos, parentes e conterrâneos, a hora ē de nos unirmos. Cada um, evidentemente, ē livre de seguir a sua orientação partidāria. Mas seja qual for o partido, a nossa terra e os seus supremos interesses estão acima. Esse ē o partido que nos une a todos: o progres

so religioso e material de nosso lugar. Afastemos as divisões que não têm como finalidade o bem comum, mas unicamente não ver outros no poder. Mas lembrem-se os que detiveram o poder de que governar não é abusar, governar não é dominar; é, antes, procurar a cooperação de todos, até mesmo de adversários políticos, porque se trata do bem de todos. A emancipação do município deve ser a promoção dos seus moradores, principalmente dos mais humildes. Se vão ser invertidas aqui somas consideráveis, é preciso que revertam, direta e indiretamente, em vida melhor para a nossa população. Ora, ninguém desconhece o baixo rendimento "per capita" de nossas populações sertanejas, o primitivismo de suas habitações, o nível infra-humano, as endemias rurais, o impaludismo, a doença de Chagas, o bócio e outras, desalentando as vítimas, agindo como uma sobrecarga para os menos doentes, a gastroenterite a fazer anjinhos: não é desejo do Pai Celeste que voem dessa forma para as regiões celestiais.

A nossa lavoura e pecuária não padecem apenas dos métodos antiquados, mas dessa mentalidade invidualista de cada um lutar por si. Surjam, portanto, é desejo da Igreja pela voz do Papa, as associações agrícolas, as cooperativas que, de verdade, o sejam; o mais pobre saiba que ali a sua saca de feijão será defendida, do mesmo modo que as dezenas de sacas do rico. Surjam o artesanato e as pequenas empresas, das quais o maior número de pessoas se sintam proprietárias e criem uma comunidade laboriosa e feliz. Venham da esfera gover-

namental leis agrárias fundadas na doutrina social da Igreja, sem espoliações odiosas, mas protegendo e elevando os trabalhadores rurais, assegurando a todos condições dignas de vida, serviços públicos, seguros e previdência sociais nos riscos da velhice, doenças e acidentes.

Faço votos de que o Movimento de Educação de Base promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em convênio com o governo mineiro, e com a colaboração indispensável das autoridades municipais, possa trazer aos diversos recantos de nossa terra as Escolas Radiofônicas, que, existindo aos milhares no Nordeste, têm sido um meio de grande eficácia para erradicar o analfabetismo.

Que a incipiente eletrificação rural venha beneficiar a nossa terra, pois a ela estão ligados os nossos problemas mais relevantes. Situada como está, nesta região mesopotâmica do São Francisco e do Rio das Velhas, tem a nossa terra direito maior de receber os benefícios de Três Marias.

Saudamos com grande esperança o eventual surgimento do Instituto Nacional do Cerrado, para aproveitamento de suas grandes reservas de matéria-prima vegetal, que muitos vão sistematicamente derrubando.

Surjam também, como é desejo do Santo Padre, "nas zonas rurais, as indústrias e os serviços de armazém e transformação dos produtos do campo", porque - assim continua o Papa - "oferece-se às famílias dos agricultures a possibilidade de completarem os ganhos nos

mesmos lugares em que vivem e trabalham".

Sabemos que os poucos recursos da receita municipal não dão para realizações tão magníficas. Claro que é um esforço conjugado das três esferas governamentais e do povo. Por isso mesmo não podem deixar de tomar conhecimento dessas necessidades e já ir organizando os seus planos. Não esqueçamos a palavra oportuna de João XXIII: os homens do campo devem ser os principais autores de seu progresso econômico e social.

Meus amigos: unidos, faremos muito. Reine entre nós a caridade de Cristo. Ele faz por nós esta oração: "Que todos sejam um como Vós, Pai, estais em mim e eu, em Vós"(Jo. XVII, 21). Somos uma família pelos laços de parentesco, conterraneidade e religiosidade que nos unem. Não nos dividam as lutas partidárias, pois sem elas já somos fracos e poucos. Com elas, não nos entenderemos, nem os políticos nos entenderão.

Indiquei-vos talvez uma meta, apontei-vos talvez uma direção. Aflorei, aqui, problemas humanos e cristãos. É vontade do Papa que divulgemos os seus ensinamentos, pois há um modo elevado e cristão de se fazer política. E se ouvirmos os seus conselhos, construiremos uma sociedade melhor, mais humana e mais cristã. E Deus estará conosco, pois quem ouve a Igreja ouve a Deus: "Quem vos ouve a mim ouve, disse Jesus".

A Ele demos graças pela emancipação de nossa terra. A Ele demos graças pela inspiração dada, em boa hora, a filhos deste lugar e à valiosa cooperação das autoridades municipais de Curvelo, estaduais e partidárias, que sintonizaram com os interesses de nossa

localidade e vieram hoje participar de nossa alegria e de nosso agradecimento, e mesmo a Jesus Cristo, na Santa Missa; será nosso agradecimento perfeito. Dirija Ele mesmo o barco de nossos destinos, fortifique a mão de nosso piloto, e que o Morro da Garça, simbolizado pela montanha, pelas alturas, caminhe para a glória desejável de povo cristão. Esperamos no Senhor; com Ele e por Ele, edificaremos nossa verdadeira autonomia na verdade, na justiça e na paz".

A solenidade de instalação do município

Às 10 horas, após a missa festiva, com o maior brilhantismo, foi instalado o município, tendo o antigo sobrado como sede provisória, cedida pelo saudoso Antônio Alves Coelho, seu proprietário. A ata registrada às folhas 1, 2 e 3 do livro de eventos da Prefeitura tem o seguinte teor:

"ATA DA SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRO DA GARÇA.

A 1º de março de 1963, no edifício da Prefeitura, sob a presidência do Sr. Dr. Sílvio de Oliveira Coimbra, Juiz de Direito da Comarca de Curvelo, em conformidade com as disposições a respeito, reuniram-se, em sessão solene, as autoridades e pessoas gradas, com numerosa assistência popular, para o fim de se proceder à instalação do município de Morro da Garça, criado nos termos dos artigos 1 a 15 e seus parágrafos, da Lei nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962. Aberta a sessão, o Sr. Presidente, depois de convidar a mim, Christia-

no Pio Fernandes, escrivão do Primeiro Ofício da Comarca de Curvelo, para secretariar a sessão e constituída a Mesa, convidou todos os presentes a se porem de pé, pronunciando em seguida, em voz alta e pausada, as seguintes palavras inaugurais: "Em virtude dos poderes que a mim foram autorgados, declaro instalado o município de Morro da Garça sobre as circunscrições que têm por sede esta localidade que ora recebe os foros de cidade, com competência e atribuição que a lei lhe confere e determina". Sentando-se, a seguir, a Mesa e a assitência, o Sr. Presidente deu a palavra ao Sr. Dr. Benedito José Barbosa, orador oficial da solenidade, que proferiu eloqüente discurso alusivo ao sentido da mesma. Falaram, ainda, os Srs. Alcides Martins do Rego, Dr. Márcio Carvalho Lopes (este, em nome da Câmara Municipal de Curvelo), Dr. Evaristo Soares de Paula, em nome do município de Curvelo, Dr. Paulo Salvo, Dr. Eusébio Pereira, ex-presidente da Câmara de Curvelo e representando o distrito de Tomáz Gonzaga, os deputados Renatos Azeredo e Lúcio de Souza Cruz e, finalmente, o Intendente do município, Sr. Júlio de Melo Franco Neiva. Ninguém mais fazendo uso da palavra, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão, convidando a ouvirem a leitura da ata, que foi assinada pelo Sr. Presidente e pelas demais pessoas presentes. Eu, Christiano Pio Fernandes, secretário "ad hoc", escrevi a presente ata ao término da sessão cuja realização aqui se registra".

Seguem-se as assinaturas.

Os festejos se prolongaram com monumental churrasco.

Discurso do Dr. Benedito José Barbosa

Ilmo. Sr. Dr. Silvio de Oliveira Coimbra, Juiz da Comarca;
Ilmo. Sr. Deputado Lúcio de Souza Cruz, Secretário de Obras Públicas;
Ilmo. Sr. Deputado Renato Azeredo;
Ilmo. Sr. Evaristo Soares de Paula, Prefeito de Curvelo;
Ilmo. Sr. Targino Raimundo de Figueiredo, Vice-Prefeito de Curvelo;
Ilmo. Sr. Dr. Helvécio Boaventura Leite, Presidente da Comissão de Emancipação;
Ilmo. Sr. Vigário Frei Antelmo;
Ilmo. Sr. Padre João Batista Boaventura Leite;
Ilmo. Sr. Intendente Municipal, Dr. Júlio de Melo Franco Neiva;
demais autoridades presentes, visitantes, senhoras e senhores, meus conterrâneos:

Interrompendo os meus afazeres profissionais em São Paulo, aqui estou para atender ao convite e dizer algumas palavras na instalação do município de Morro da Garça. Faço-o prazerosamente por várias razões: filho do lugar, embora ausente, sempre me interessei pelos seus problemas e vibro de satisfação e alegria com o seu progresso. Além disso, sou muito reconhecido e grato ao povo de Morro da Garça, que sempre me cercou de carinho e amizade, que me custeou os estudos e me

estimulou com a sua compreensão e simpatia. E finalmente, porque era preciso pagar uma promessa e cumprir um trato.

Faz mais de vinte anos, dois garotos sonhadores e idealistas, colegas de escola, perambulavam por essas estradas e encostas sertanejas, traçando planos para o futuro e sonhando com o progresso do Morro. Um deles é o presidente da Comissão, meu dileto parente e amigo, Dr. Helvécio Boaventura; o outro, este que vos fala.

Prezados conterrâneos, o dia de hoje é de alegria e júbilo para os morrogarcenses e os amigos de Morro da Garça. Chegou, finalmente, a hora tão sonhada e almejada por todos nós.

Podemos, agora, esperar dias melhores, pois, como acentuou o ilustre Deputado Lúcio de Souza Cruz, em seu voto no processo de emancipação do Morro, a sua concretização é um "instrumento de combate ao subdesenvolvimento e um meio de proporcionar o progresso às populações interiores. Assegurando-lhes melhores condições de vida, poderão subir na escala social, econômica e cultural do País".

E isso é bem verdade, prezados conterrâneos, pois, com a nova distribuição de renda e com a nova estruturação da política municipalista, recursos consideráveis serão canalizados para a prefeitura de Morro da Garça, e esta terra tão esquecida terá o badejo do progresso e, em breve, tenha certeza de que o panorama econômico e social se modificará e até aqui chegarão de modo mais intenso os benefícios da civilização.

E esta gente pacata, ordeira e laboriosa bem mere

ce esta oportunidade. A terra é boa, dadivosa e fértil. Eu a conheço bem, pois nela labutei, ajudando minha mãe, viúva destemida e de quem muito me orgulho. A lavoura e a pecuária, a natureza aqui é pródiga e benfazeja. A região, rica em água e terra que produz de tudo, colocou o Morro como fortaleza avançada que protege a nova cidade.

No cimo do morro santo, está colocado um gigantesco cruzeiro que para lá foi levado com a força de homens, epopéia digna de heróis e dos antepassados luzitanos decantados por Camões, o que bem revela a força e a fé dos homens dessas plagas.

Prezados morrogarcenses:

O município é a célula do Estado, assim como a família o é da sociedade. Por isso, mister se faz cultivar os princípios morais de um povo livre - a justiça, a liberdade e a igualdade - para que se fortaleça o princípio de que o governo "do povo, pelo povo e para o povo". É preciso solidificar aquela forma preconizada por Abrahão Lincoln "cujo principal objetivo é elevar as condições dos homens, desembaraçar os caminhos para a lavoura, atividade de todos; proporcionar a todos livre partida e igual oportunidade no páreo da vida". Sim, é muito importante a lição do paladino da democracia do povo norte-americano. Não se pode esperar somente dos poderes públicos; a iniciativa particular deve até preceder a ação pública.

Assim, prezados conterrâneos, se quereis que a nova cidade progrida, é necessário que os homens do lugar comunguem seus esforços em investimentos e empre-

endimentos que possam valorizar o lugar e aqui fixar os menos favorecidos, evitando o êxodo do trabalhador para os grandes centros industriais. Formem cooperativas de produção e consumo, evitando a evasão nas mãos de intermediários. Desenvolvam o comércio, ampliem a lavoura e a pecuária, para que o município se afirme cada vez mais no mapa de Minas.

Espero que não haja dissensões políticas e partidárias quando se tratar de benefício para toda a comunidade. Faço um apelo a todos os cidadãos que ainda não são eleitores para que se alistem, pois, quanto maior o eleitorado, melhor o conceito do município na representação política do Estado.

Aos céticos e pessimistas, que duvidaram da nossa história ou ironizaram nossos esforços, pedimos não descrerem do idealismo das grandes causas e se penitenciarem, muito trabalhando para o engrandecimento da nossa terra.

Em nome do povo de Morro da Garça, queremos homenagear e agradecer àqueles que mais trabalharam e se distinguiram na campanha da emancipação. O Deputado Lúcio de Souza Cruz, ilustre conterrâneo, faz juz a todo nosso reconhecimento e faz repetir agora a história: há cerca de cem anos, Morro da Garça passou a ser vila e sede de paróquia graças a um seu ilustre deputado provincial, Manoel Pereira de Silveira. Hoje Morro da Garça é cidade graças aos esforços e ao patrocínio decidido do Deputado Lúcio de Souza Cruz, também descendente, como Manuel Pereira, da famosa família do Riachão. O deputado Renato Azeredo Filho, de

Sete Lagoas, também abraçou nossa causa, dando os votos necessários e o apoio do seu partido na Assembléia de Minas. A ambos, ilustres parlamentares, nossa gratidão, que será eterna.

Vamos homenagear a família Boaventura, na pessoa do Dr. Helvécio, presidente da Comissão. Essa família, que tantos filhos ilustres deu ao Morro da Garça, não se deixa vencer em amor, dedicação e fidelidade ao nosso lugar, e o Dr. Helvécio, meu grande amigo de infância e de escola, de lutas universitárias, é um apaixonado por essas plagas e, juntamente com seus irmãos, Zezé, Antônio, Dr. Vicente e seu cunhado, José Antônio, incansável na campanha da emancipação; a ele e aos seus o reconhecimento e a gratidão de todos.

Vamos homenagear as professoras do nosso tempo e que aqui ensinaram a gerações: D. Lica de Souza e D. Maria da Conceição Pereira Leite, mestras dedicadas e educadoras insignes, tornaram-se merecedoras do nosso reconhecimento.

É impossível citar os nomes de todos que trabalharam pelo engrandecimento de nossa terra. Mas a todos somos gratos e não nos esquecemos sequer do trabalhador anônimo, que, enfrentando as intempéries do tempo, arranca do solo a fortuna que enriquece a região.

Povo de Morro da Garça, vossa responsabilidade é maior agora, Vós é que deves gerir e resolver vossos problemas. Sede unidos e trabalhai pelo engrandecimento da cidade de Morro da Garça.

Ao Sr. Intendente Municipal, auguramos uma gestão feliz e progressista.

Avante, Morro da Garça, para a frente e para o alto!

Muito obrigado".

A EMANCIPAÇÃO FIGURA NA IMPRENSA - I

O saudoso historiador curvelano Antônio Gabriel Diniz assim escreveu sobre a nossa emancipação no jornal "O Pão de Santo Antônio" de 24/02/63, órgão oficial da Paróquia de Curvelo, hoje extinto.

MUNICÍPIO DE MORRO DA GARÇA

Instalar-se-á na próxima sexta-feira, 1º de março, o município do Morro da Garça, criado pelo Lei nº 2.764, de 30 de dezembro do ano findo, com os seguintes limites:

1 - Com o município de Felixlândia:

"Começa no divisor de águas dos rios das Velhas e São Francisco, no ponto fronteiro às cabeceiras do ribeirão do Picão, segue por este divisor até defrontar a cabeceira do riacho das Vacas."

2 - Com o município de Corinto:

"Começa no divisor de águas entre os rios das Velhas e São Francisco, defronte à cabeceira do Riacho das Vacas, desce por esse riacho até sua foz, no ribeirão do Bicudo; desce por esse até a foz do córrego da Grota Vermelha; segue por esse córrego até sua cabeceira, de onde alcança o Alto do Morrinho; continua pelo divisor secundário entre os córregos do Morro e Jacarandá, até atingir o ponto fronteiro às nascentes do córrego do Saco da Onça".

3 - Com o município de Curvelo:

"Começa no divisor dos córregos Jacarandá e Saco da Onça, segue pelo divisor secundário, entre os córregos Saco da Onça e Flores, até atingir a foz desse último no ribeirão do Picão; segue por esse até suas nascentes, na serra do Boiadeiro, no divisor de águas dos rios São Francisco e das Velhas".

A vertente da margem direita do córrego das Flores, até a Foz do Saco da Onça, e toda a margem esquerda daquele córrego, da cabeceira à barra no Picão, pertence ao município de Curvelo (distrito de Tomáz Gonzaga).

Pequena é a área do novo município - 253 km^2 —, com terras de primeira qualidade, para lavoura e pastagens.

A renda distrital, no ano de 1962, foi de ..... Cr$: 623.452,00.

Muita gratidão guardará Curvelo pelo muito e muito que o seu rebento de agora contribuiu para o progresso curvelano.

Dentro de sua pequena área, labutou, incansável, o morrogarcense: inteligente, altaneiro e cioso de suas prerrogativas.

Cessadas, no antigo regime, as lutas partidárias, tornou-se Morro da Garça o melhor e mais influente distrito do município. A renovação daquelas lutas (1911) e a perda de boa parte de seu território em proveito do município de Corinto (1924) foram causas que determinaram certa decadência revelada na sede, que, em 1900, possuía 200 casas, localizadas em seis bem tra-

çadas ruas e uma praça.

Reagiu, porém, o morrogarcense e reergueu o seu distrito, a ponto de se capacitar para empunhar a bandeira da emancipação - com justiça, vitoriosa.

Essa plêiade de filhos realizadores, com um passado de experiência, fará de sua terra, que ora atinge a maioridade, um município valoroso, digno êmulo dos irmãos que fazem a grandeza de Minas Gerais.

Nossos votos são para que, no alto do morro, vigia da nova cidade, tremule permanentemente o pavilhão da harmonia, apontando aos nossos irmãos, que, agora, de nós se despedem, a conquista serena do progresso.

A EMANCIPAÇÃO FIGURA NA IMPRESA - II

Curvelo, 4/8/63
Em torno do Morro da Garça

Geraldo Boaventura

Quase 7 horas da manhã. Para mim, muito friorento, faz ainda um frio de rachar, e não há maio de dar-se um bom-dia de bom humor. Não obstante, acabo de ler, pela décima vez, o Sermão do Mandato, de Montalverne, um dos mais formosos, a meu ver, de quantos proferiu o notável orador sacro.

Fecho o livro. E meu pensamento se volta para a terrinha que me viu nascer: a hoje cidade de Morro da Garça. Estampada no céu de minha mente, posso vê-la quando queira e ainda afirmar, com alegria, que seu aspecto social se aprimora dia a dia. O índice de criminalidade, outrora elevado, reduziu-se ao mínimo, gra

ças à crescente alfabetização de seu povo, católico, independente e leal. O custo de vida sempre foi ali mais acessível e sua produção, considerável e variada, assegura-lhe rendoso intercâmbio com as praças vizinhas.

De seu aspecto físico, destaca-se, como atrativo principal, o "morro" de que lhe adveio o nome, mais ou menos 3 km distante da sede. É relativamente alto e pode ser visto de um raio de 20 léguas. Sua face mais simétrica e atraente está voltada para a novel e futurosa comuna. Visto de outros ângulos, sua aparência é irregular e até mesmo desagradável. Por uma de suas fraldas até quase o cimo, chegam cavaleiros e carros de bois. Todavia, só a pé se consegue dominar-lhe o cume, planalto de algumas dezenas de metros quadrados, sempre envolto por denso nevoeiro na época chuvosa. São férteis as terras que o circundam, e as roças de feijão, milho e algodão sobem-lhe até meia encosta.

Escalei-o por diversas vezes no verdor dos anos, quando as pernas fremiam, possuíam a volúpia do movimento. É soberbo, majestoso o panorama que lá do alto se descortina. Os amantes da natureza, as pessoas sensíveis às manifestações do Belo, tenho certeza, seriam tomadas de autêntico êxtase visual, se se levassem até lá. Veriam com nitidez a parte alta de Curvelo, mormente com auxílio de binóculo. Contemplariam inúmeras lagoas, semelhando enormes recipientes de prata liquefeita, pontilhadas de garças e outras aves aquáticas. Campinas a perder de vista, serras de dorso ondulante, com capões de mato a descer-lhes pelas

fraldas. Tufos de florinhas mimosas, de variegados matizes, premidos por canteiros de agressivas cactáceas. Ao longe, renques de buritis indicando veios d'água e pássaros aos milhares, oferecendo suas solfas ao Criador de todas as coisas. Casinhas brancas, com bananeiras ao fundo alternando-se com canaviais virentes. Gado em profusão, disperso pelas várzeas, aparando com avidez as gramíneas suculentas e perfumadas.

Afirma-se existir, numa das encostas daquele monte, a entrada de antiga mina, onde se deixaram ou esqueceram alguns apetrechos de mineração, muito embora tudo faça crer serem suas estranhas ausentes de ouro e outros metais.

Vários cruzeiros foram cravados por mãos piedosas no topo de Morro da Garça, porém nenhum deles permaneceu incólume, estilhaçados por raios em dias tempestuosos, até que um Padre, cujo nome não me ocorre, sugeriu fosse erigida outra cruz, alguns metros à esquerda do lugar onde existiram as anteriores. Singular. Sortiu efeito o alvitre do sacerdote. Desde então, não mais foi hostilizado por faíscas elétricas o cruzeiro que lá se encontra.

Lembro-me de haver disparado vários tiros lá em cima, cuja estampido, devido à rarefação de oxigênio, quase não se escuta. Ao contrário do que acontece embaixo, no sopé, onde o eco da explosão vai quebrando, até extinguir-se.

Certa vez, ao contemplar lá do alto enorme boi, em pé, numa elevação de terreno, cheguei a recitar o

belo soneto que lhe dedicou o incomparável Carducci.

A topografia da cidade de Morro da Garça é comum, antigo seu feitio, mas construções modernas, confortáveis começam a despontar. Sua Matriz é alta e espaçosa e, em seu interior bem cuidado, existem belas imagens, dentre as quais a de N. Sra. da Conceição, padroeira do lugar.

A cidade precisa de padre que resida na sede, também de médico e de farmacêutico diplomado; banda de música para recreio de seus habitantes, luz elétrica, água encanda, rede de esgotos, calçamentos, mais escolas, pontes, etc.

Seu serviço postal é por demais deficiente: uma carta gasta, às vezes, 10 dias para lá chegar. De estradas, por enquanto, pode prescindir aquele município.

O córrego do Morro, como é vulgarmente chamado, ladeia a cidade. É perene, nunca secou e origina-se da Lagoa Assombrada, situada em terrenos da fazenda de meu sobrinho, Antônio Boaventura.. É de grande profundidade, e muitas lendas gravitam-lhe em torno: mãe-d'água pedindo pentes aos pescadores; caboclos-d'água, de mãos peludas, tentando afundar canoas. O certo é que em seu seio líquido habitam traiçoeiras sucuris, enormes jacarés e peixes de grande porte.

Em 30 de junho passado, houve ali eleição para prefeito, vereador e juiz de paz. Dois candidatos concorreram ao pleito, ambos muito merecedores da alta investidura. A UDN, dizem, gastou mais de um milhão de

cruzeiros e, com alguma antecedência, despachou para aquele município moderna máquina de construir estradas, com a qual se concretizaram mais de 100 km de boas rodovias. Apesar de tudo, foi-lhe desfavorável o resultado: elegeu-se o candidato do PR-PSD.

Depois disso, fica provado que o poder econômico se anula, se a ele não se juntar certa dose de prestígio.

Aliás, nunca deu mostras de habilidades políticas o partido do Brigadeiro, não tendo administrado o País senão por exíguos lapsos de tempo. Seu forte é a oposição ao governo, feita com extremo brilho, já que a cúpula da "eterna vigilância" sempre cultivou com carinho a eloqüência e as leis. Mas discurso é coisa subjetiva, e nos demais partidos também há bons oradores. É óbvio que o talento da palavra é imprescindível a quem ingressa na política, mas nem só de palavras vive o povo, sempre atento, dissecando as atitudes de seus líderes. O que sei da difícil "arte de engolir sapos" é de oitiva, mas a mim me parece que o político autêntico, nato, não dorme de touca, nem confia em águas passadas, mas prossegue de corpo e alma no afã de aliciar novos partidários.

Agora, torna-se necessário aclararem-se os horizontes, desfazerem-se os mal entendidos. E toda a população da jovem cidade de Morro da Garça, sem distinção de cor partidária, deverá dar-se as mãos, conduzindo aos seus altos destinos o nosso município, pequeno em território, mas grande em bondade, produção e trabalho.

PROCESSO ELEITORAL - A 1ª ELEIÇÃO

Instalado o município, estabelecia a lei que, no prazo de 90 dias, deveriam ser eleitos por voto direto o prefeito, o vice, os vereadores, o juiz de paz e os suplentes.

A união por muitos pregada e desejada não aconteceu.

Havia muitos interesses em jogo e muitas vaidades a serem satisfeitos. O grupo favorável à emancipação se abrigou nas legendas do PSD e do PR e indicou Zezé Boaventura e Joaquim Leite para candidatos a prefeito e vice.

Aqueles que se ligaram à política contrária ficaram na UDN e indicaram Antônio Coelho da Rocha e Josephino Vital.

A luta foi intensa, e pela primeira vez a cidade assistiu até a comícios organizados por ambos os lados.

No resultado, prevaleceu o grupo emancipacionista, elegendo os seus candidatos. Na contagem dos votos para vice-prefeito, um fato inusitado ocorreu: houve um empate e Joaquim Leite foi proclamado eleito por ser mais velho. O mais interessante ainda é que D. Quita Leite, de saudosa memória, foi em tese a responsável pela eleição do marido.

Doente no leito, só se levantou para dar solidariedade ao esposo, foi o último voto dado naquela eleição, voto decisivo, para alegria de todos os familiares, amigos e correligionários. Foi um voto para a

história, foi um voto de união e comunhão num feliz casamento de mais de 60 anos.

OS EMANCIPADORES

Lúcio de Souza Cruz

Curvelano, ilustre filho do Professor Ricardo de Souza Cruz e de D. Mercedes Palhares de Souza Cruz, fez os seus primeiros estudos em Esmeraldas e Santa Bárbara, no tradicional Liceu Mineiro, de Curvelo e no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte. Formou-se em Direito na Universidade de Minas Gerais. Cedo, nele se manifestou a vocação para a política e administração pública. Integrando as hostes do antigo PRM - Partido Republicano Mineiro -, nele fez uma brilhante carreira política.

Deputado por 20 anos, foi o mais eficiente secretário do governo Magalhães Pinto, ocupando a Secretaria de Viação e Obras Públicas e, no governo Clóvis Salgado, foi Chefe da Casa Civil.

Não há município mineiro que não tenha sido beneficiado pela ação do Dr. Lúcio de Souza Cruz, pois ele foi o executor do slogan do então governo: " Uma obra pública em cada comuna mineira". Na verdade, fez muito mais do que uma, como atesta a história administrativa de Minas.

O Deputado Lúcio de Souza Cruz foi o estuário de todos os anseios do Morro e de seus habitantes. Foi o primeiro a atender o anseio da emancipação e por ele labutou até a vitória final. As suas obras no no

vo município até hoje atestam o seu trabalho e o seu esforço.

Retirou-se da vida pública após ser candidato a vice-governador na sucessão de Magalhães Pinto; respeitado pelo seu trabalho, sua dignidade, sua honradez, constitui até hoje uma figura a ser imitada na vida pública de Minas Gerais.

Casado com D. Natalina, é pai de Lúcio Régis, Álvaro Ricardo, Luciana e Luiz Sávio. Este, que agora inicia a sua vida pública, tudo tem para seguir a trajetória do pai, continuando a história vitoriosa da família Souza Cruz.

Renato Azeredo

Renato Mário de Avelar Azeredo nasceu em 9 de outubro de 1919, na cidade de Sete Lagoas. Começou sua vida pública como prefeito municipal de Santo Antônio de Monte no governo de Benedito Valadares.

Em 1955, elegeu-se deputado estadual e nesse exercício permaneceu até 1963, quando foi eleito deputado federal. Amigo pessoal do Presidente Juscelino Kubtschek, a ele serviu no governo de Minas e na presidência da República, sendo Subchefe da Casa Civil, cargo importante e de confiança total.

No ostracismo do presidente, após 1964, Renato manteve os vínculos, tornando-se seu fiel escudeiro. Apesar de dissabores e sofrimentos, por ser um homem reto e de vida limpa, foram preservados os seus direito de cidadão e de político. É muito lembrado o seu discurso na Câmara dos Deputados defendendo Jusceli-

no, quando da cassação dos seus direitos políticos .

Com a extinção dos antigos partidos políticos, Renato foi um dos fundadores do MDB em Minas, tarefa que ele considerava uma das mais difíceis da sua vida, pois poucos tinham a coragem cívica de se contrapor à revolução e a seu arbítrio. Dessa época convém lembrar que a solidariedade do Morro não faltou ao grande Renato Azeredo. A seu convite, filiamo-nos ao MDB e integramos o seu primeiro diretório estadual, juntamente com os ilustres curvelanos Targino Raimundo de Figueiredo e Dalton Canabrava.

Enquanto disputou eleições e enquanto viveu, Renato teve a solidariedade do Morro.

Companheiro e amigo de Tancredo Neves, construiu a sua candidatura ao governo de Minas e à presidência da República e com certeza seria o seu sucessor no Estado, se a morte prematura não o houvesse levado , em 16 de julho de 1983.

Político ético, correto, honesto, amigo de todos, deixou o seu lugar na história de Minas. Emancipador do Morro, juntamente com Lúcio de Souza Cruz, deixou obras que até hoje são essenciais para a comunidade morrogarcense.

Na história do Morro, a sua vida é marcada por realizações e pela lembrança saudosa dos mais velhos. A Praça com o seu nome é presença no presente e o será no futuro. Casado com D. Ruth, que lhe sobrevive, deixou os filhos Ione, Eduardo, Maria Inês, Álvaro e Maria Luíza. Nestas linhas, a homenagem maior a Renato Azeredo.

Reflexões de Renato Azeredo

Momento de alegria de um político: quando resolve problemas de um amigo ou de uma comunidade.

Na política e no jogo, o homem se mostra por inteiro.

Faça sempre o bem, não faça o mal a ninguém. E será poupado das dores do remorso.

O homem será lembrado com amor enquanto durar a memória do bem que fez.

Todo sucesso é efêmero se não tem o apoio de obras consistentes.

A vaidade não é boa conselheira e, às vezes, esconde o caminho da justiça.

A ação desinteressada, que não pede retorno, tem mais beleza e não tem o risco do desencanto.

Para mim, amizade é dos melhores bens da vida, assim como meu ideário político está calcado em princípios de sólidos coerências. Não vejo por que ter de privar-me dos dois quando um discorda do outro.

A vida política que se exercita em Minas é, sobretudo, um celeiro de amizade, que se caracteriza pelo respeito recíproco às posições de cada um. Assim foi Renato Azeredo.

DISCURSO DE POSSE DO 1º PREFEITO

"Estamos aqui reunidos numa solenidade simples, mas de alto significado para todos nós. A tão sonhada emancipação política chegou, trazendo consigo o direito de o Morro seguir o seu destino com voz e

ação própria. E nós, os eleitos e empossados, perante Deus e perante a lei, seremos os seus timoneiros.

Desde o final do século XVI, a história escrita e cartográfica registra notícias deste lugar. Em 1720, quando foi construída a capela em honra de Nossa Senhora das Maravilhas, cresceu o povoado, chegando a ter cerca de 200 casas, duas igrejas, bem traçadas ruas e uma grande praça. Elevado à categoria de distrito de Curvelo em 1862, conheceu momentos de prosperidade.

Distrito e paróquia, como definia a lei, seus limites se estendiam por outras paragens, até o que é hoje o município de Corinto.

Divergências políticas, perda de representatividade, enfoques econômicos desviados, isolamento das vias de comunicação que se criavam - tudo levou o Morro a ver o progresso passar ao longe.

Em 1926, perdeu extensa área que se integrou ao novo município de Corinto.

Reduziu-se à metade a sua população.

À estagnação, seguiu o retrocesso.

Casas vazias e em ruínas, ruas esburacadas, luz só do sol e da lua, telefone só na lembrança dos mais velhos. Era quase o fim. O Morro regredia quando o tempo era de progresso para os seus vizinhos - progresso político, econômico e social. Neste passo, em breve perderia até a sua condição de distrito.

Mas tudo na vida tem seu tempo e sua oportunidade. O nosso novo tempo chegou, a nossa oportunidade na história reaparece com a reforma territorial e admi-

nistrativa de Minas Gerais. Hoje temos os foros de cidade que a lei nos concede. Não vamos deixar passar a oportunidade de fazer a nossa recuperação. Somos uma pequena cidade, um pequeno município, talvez o menor no mapa de Minas. Grande, porém, é o valor de seus filhos, dispostos a se integrarem e a se beneficiarem desses tempos de mudança.

Pouco temos além do desejo de progredir, não o progresso grandioso que muitos sonham, mas aquele real, que traga o mínimo, que não temos: escolas urbanas e rurais, estradas, telefone, saúde, energia elétrica, urbanização, coisas essenciais, que não temos.

Muito nos alegra ter sido escolhido para iniciar esse novo tempo, esse é o nosso desejo e o de nossos companheiros, vice-prefeito e vereadores.

Nessa oportunidade, dois agradecimentos se impõem: aos ilustres Deputados Lúcio de Souza Cruz e Renato Azeredo, patronos da nossa causa e aqui presentes, para os quais solicitamos uma salva de palmas, pelo que fizeram e pelo muito que ainda farão, temos certeza.

Um outro muito especial aos conterrâneos que, votando em nossa chapa, serão participantes diretos do nosso governo. Àqueles que por outras razões não nos acompanharam, a garantia de que serão bem vindos na corrente de progresso que hoje se instala. Agradecemos a presença de todos neste ato.

Muito obrigado."

O 1º PREFEITO

Apesar dos laços familiares, não me considero suspeito ao falar sobre a administração de meu irmão, José Boaventura Leite Júnior. Faço-o com a certeza do aval de todos aqueles que testemunharam o seu trabalho.

Assumiu a prefeitura recebendo um manancial de coisas a fazer. Nem infra-estrutura mínima existia. Mesas e cadeiras foram cedidas por amigos, assim como a 1ª máquina de escrever, já bem velhinha e que hoje se encontra no museu de nossa família.

Os impostos do exercício já haviam sido cobrados pelo intendente. Mas "avançar é preciso", e a caminhada teve início. Tudo que se fizesse teria grande mérito, pois a nova cidade não tinha nada. Com o seu prestígio junto aos deputados Lúcio e Renato, as obras mais prementes foram realizadas.

É bom lembrar a contribuição de cada um.

Renato Azeredo

- Verba federal para a construção de cinco escolas rurais. Com esse recurso bem administrado e com a ajuda da comunidade, conseguiu o prefeito levantar e equipar mais três unidades. Na hora da prestação de contas em nível de Brasília, foi o nosso prefeito interpelado e teve de explicar como fizera esse milagre da multiplicação da verba recebida. Na Capital, só recebeu louvores e foi citado como exemplo de correção e criatividade a serem seguidas por outros administradores públicos. Os prédios construídos aí es

tão até hoje, servindo à população. Foram muito bem construídos por Antônio Ireno, o Antônio Cachorro, como gosta de ser chamado.

As escolas construídas foram as seguintes:

- Escola Rural de Serra Preta;
- Escola Rural da Lagoa;
- Escola Rural da Mutuca;
- Escola Rural de Cavalinhos;
- Escola Rural de Flores;
- Escola Rural da Ponte do Bicudo;
- Escola Rural de Campo Alegre.

Dessas, apenas a de Campo Alegre e a de Flores existiam, mas funcionando precariamente. Com as sobras o prefeito iniciou ainda a construção do prédio escolar do Riachinho, concluído e inaugurado na administração seguinte.

Lúcio de Souza Cruz

- Doação, através do DAE, de um conjunto Diesel de alta potência para a iluminação da cidade.
- Prédio do Grupo Escolar.
- Ponte do Jacarandá, em concreto armado.
- Cessão, por empréstimo, de uma patrol para construção da nova estrada ligando a sede ao sistema rodoviário, através do Jacarandá.
- Construção e melhoria de mais de 150 km de estradas e, entre essas, aquela que ligava a cidade à então Belo Horizonte/Brasília, passando pelo antiplano das Gerais e chegando a Felixlândia.

Todo o serviço de acabamento e encascalhamento foi feito com mão-de-obra local, tendo sido executado por

Antônio Alves Teixeira, João de Arminda e Raimundo Gregório (Marinho) e muitos.

Outras obras realizadas pelo 1º prefeito: reconstrução da ponte do Pari na antiga Estrada Boiadeira, assim como a reconstrução das pontes do Bicudo e a do Picão na rodovia Morro/Curvelo; do meio-fio; e as canaletas de água fluvial iniciou a redivisão da praça e a arborização, a reforma e a ampliação do cemitério municipal. A linha telefônica para Curvelo foi totalmente renovada com posteamento e fios. Perfuração do 1º poço de água potável, aquisição e instalação do maquinário de confecção da 1ª rede de distribuição de água, por níveis, e colocação de chafarizes em diversos pontos, facilitando o acesso a toda a população.

Mais do que fez materialmente, o Morro deve ao seu 1º prefeito a mensagem de humanismo e de valorização que sempre transmitiu. Ameno, culto, amigo, a todos mostrou o que pode e deve fazer uma comunidade para se elevar na escala social do Estado e do País.

Aliás, tudo isso ele faz até hoje. Ao concluir o seu mandato, fez questão de pacificar a família morrogarcense, separada por idéias políticas, convidando Valter Coelho da Rocha para ser o seu seguidor numa eleição de união. Entendia que "éramos muito poucos para vivermos em divergências".

José Boaventura Leite Júnior, meu irmão, nosso irmão e de muitos, direta e indiretamente, ganhou um lugar na história do Morro pelo que fez ontem e ainda faz hoje. O seu companheiro, vice-prefeito Joaquim Pereira Leite, foi solidário em tudo e em todo tempo.

O filho deste, Júlio Pereira Leite, hoje reside em Sete Lagoas, foi o 1º secretário; o "menino" Valtinho Alves Coelho, o 1º atendente. Esses dois que com muito zelo manipularam os primeiros papéis, por justiça, entram neste livro e na história e fazem juz às homenagens. O hoje homem Valtinho continua ajudando a fazer a história do município do Morro e é atualmente o mais antigo servidor municipal.

A IMPRENSA NOTICIA

"Estado de Minas

24 de abril de 1966

Morro da Garça ganha novos melhoramentos

MORRO DA GARÇA (Do correspondente) - Dois importantes melhoramentos foram inaugurados, recentemente, nesta cidade: uma ponte sobre o córrego do Jacarandá e o prédio do novo Grupo Escolar Pe. José Joaquim Silveira. A ponte completa a ligação da sede do município à rede rodoviária nacional com a construção de uma estrada de 25 quilômetros, feita pela Prefeitura. Presidiu os atos, como convidado especial, o deputado Lúcio de Souza Cruz, pois as obras foram iniciadas e concluídas ao tempo em que dirigia a Secretaria de Comunicações e Obras Públicas, na administração Magalhães Pinto. Nas imediações da ponte foi o ex-secretário recebido pelo prefeito, José Boaventura Leite, vereadores, pelo vigário, Pe. João Boaventura Leite, delegações de Curvelo, Inimutaba e Corinto e grande número de populares.

Em nome da cidade, o médico Helvécio Boaventura Leite, que presidiu a comissão de emancipação do novo Município e cujos trabalhos na comuna o credenciam como um de seus beneméritos, ressaltou a importância que a nova estrada representa para a economia da região e enalteceu a preciosa colaboração que o então secretário Lúcio de Souza Cruz deu a Morro da Garça, contribuindo decisivamente para a solução de alguns problemas de base. A seguir, o homenageado desfez o laço de fita, inaugurando, assim, a ponte e a estrada.

INAUGURAÇÃO DO GRUPO

Após o almoço, oferecido pela viúva José Boaventura Leite, realizou-se a cerimônia de inauguração do prédio do Grupo Escolar, com a presença de autoridades e da quase totalidade da população local. À porta principal do educandário, foi o Sr. Lúcio de Souza Cruz saudado pelo Sr. Vicente Boaventura Leite e pela professora Margarida Ferreira. Em nome do prefeito, José Marcos Soares de Souza, de Inimutaba, falou, depois, o Sr. Fábio de Oliveira.

No discurso de agradecimento, afirmou o deputado Lúcio de Souza Cruz que o desenvolvimento verificado em Morro da Garça reforçava o princípio emancipacionista que havia adotado, pois a autonomia administrativa e política é sempre fator de progresso, principalmente quando a nova unidade tem a felicidade de encontrar dirigentes realizadores, que se consagram aos interesses do Município e ao bem-estar de seus

co-municípios, como é o caso do prefeito José Boaventura Leite Júnior, que pode ser apontado como um dos mais operosos e dinâmicos. Disse ainda que quando visita o interior de Minas encontra novos motivos de orgulho por ter participado da administração do Sr. Magalhães Pinto, pois em todas as comunas se vêem os traços benéficos de seu governo.

Após a inauguração dos retratos do patrono e do deputado Lúcio de Souza Cruz, na sala principal, seguiu-se a bênção das instalações.

VISITAS

Os visitantes examinaram depois o plano de urbanização da praça e das ruas principais da cidade, todas com meio-fio já pronto e delineados os contornos dos jardins públicos, dotados de plantas ornamentais, segundo o programa em curso do prefeito José Boaventura Leite Júnior. Percorreram ainda a igreja recentemente remodelada, e a casa de máquina que produz força elétrica para a cidade. Esforça-se agora a administração municipal para levar energia da CEMIG para o município".

O 2º PREFEITO

Foi muito comentado na época o gesto do então prefeito convidando o Sr. Valter Coelho da Rocha para ser o seu sucessor, encabeçando uma chapa única que integrava todas as forças políticas. Valter aceitou a incumbência e foi eleito juntamente com o vice-prefeito, Antônio Fernandes Neto.

Suas principais realizações:

- Construção da Praça Capitão Regino, criando um visual novo na entrada da cidade.

- Ligação rodoviária Morro/Corinto, pelo Saco da Onça.

- Construção do novo reservatório de água.

- Conclusão e inauguração da escola do Riachinho.

- Construção do posto de saúde da sede, assim como do prédio da delegacia de polícia. Para essas obras, as verbas foram conseguidas pelos Deputados Dalton Canabrava e Targino Raimundo de Figueiredo.

- Alargamento e complentação do encascalhamento da estrada Morro/BR, pelo Jacarandá.

- Colaboração no movimento de fundação do Ginásio: fez a doação do imóvel para sua sede própria.

- Construção do prédio e da residência da professora em Campo Alegre.

Apesar das dificuldades, deixou uma obra administrativa que permanece e uma lembrança pessoal magnífica, pelo seu alto espírito de relacionamento humano. A morte precoce o levou do nosso meio.

O seu enterro em Curvelo foi uma demonstração do quanto era admirado. Todo o Morro estava lá. Na oportunidade, em nome de seus amigos, foram ditas as seguintes palavras de despedida:

"Valtinho,

Muitos, nessas últimas horas, falaram da morte, da sua morte. Eu, integrante da imensa legião dos seus amigos, prefiro falar da vida, da bela e grandiosa vida que você escreveu nesse quase meio século. Procuro

nos esconderijos do tempo e da memória as lembranças sobre você.

Valter menino, cavalgando pelas estradas e ruas poeirentas de nosso Morro, ao lado do seu também saudoso pai, inspirador maior dos seus filhos, homens da terra e da natureza. Valter na escola: aplicado, inteligente, reuniu os ensinamentos necessários para cedo começar a formar-se na universidade da vida. Precoce, muito precocemente, encarou as responsabilidades maiores do casamento.

Carmem, menina-moça, somou-se a ele para fazer o elo da história. Não havia tempo a perder...Os filhos vieram...um, dois, três, quatro, cinco, seis. Carmem e Valter, Valter e Carmem...lar estável e de mútua compreensão. Tais pais... tais filhos continuando a história e escrevendo outras.

Amante da sua terra e da sua gente e por todos admirado, Valter foi presença constante na história de Morro da Garça nesses anos. Serviu à sua cidade, como prefeito, seu 2º prefeito, em unânime e memorável escolha. Presente, sempre presente em todos os eventos, quer sociais, quer políticos, quer filantróficos, quer religiosos, seu carisma unia, integrava e construía. Todos lhe queriam bem.

Valtinho foi tudo isso...Hoje, nós, seus amigos, estamos mais pobres com a sua partida. Conforta-nos o seu legado, que será perene, e a sua lembrança, que será duradoura.

Adeus, Valter. Até um dia, Valter.

O 3º PREFEITO

1971-1973

Valter Coelho da Rocha manteve a união das forças políticas. Para a sua sucessão, foram escolhidos Antônio Cândido de Souza Filho e José Raimundo da Silva (José Gregório). Em virtude de mudanças na lei maior, o mandato foi de pouco mais de dois anos. Mesmo assim, essa gestão deixou a sua marca, com a construção do prédio da Prefeitura e Câmara e a perfuração do poço artesiano, obra conseguida da comissão do Vale do São Francisco, através do Deputado Renato Azeredo.

Na sua sucessão, Antônio Cândido não quis, não soube ou não teve condições de manter a união política que tanta tranqüilidade dava ao município. Seu candidato, Geraldo Lélis, perdeu a eleição para Antônio Boaventura Filho e Antônio Cândido Mariz.

O 4º PREFEITO

1973 - 1977

A administração Antônio Boaventura Filho foi marcada pela operosidade e podemos citar as seguintes realizações:

- Criação da Fundação Municipal de Saúde Maria Amélia, com a contratação de médicos para a assistência no local e em Curvelo.
- Criação do Posto de Correio.
- Aquisição de um trator de esteira novo.
- Aquisição de uma caminhoneta nova.
- Criação da Biblioteca Pública.

- Estudos e confecção do projeto de energia elétrica para atender a todo o município através da Cemig-Ermig. Antes de encerrar o seu mandato, conseguiu a aprovação e a doação de recursos junto ao PÓLO CENTRO, programa do governo federal.

- Restauração da Ponte do Silitro, reabrindo o tráfego rodoviário para Felixlândia.

- Abertura de estradas vicinais e manutenção das existentes.

- Criação e implementação da merenda escolar.

Coube a Antônio Boaventura Filho unir de novo as forças políticas locais, indicando Nolberto Sampaio e Cândido Antônio de Souza como candidatos de união, o que ocorreu num pleito sem disputa.

O 5º PREFEITO

Nolberto Sampaio teve o seu mandato prorrogado por lei e governou por seis anos.

Suas principais realizações foram:

- Continuidade do projeto e inauguração do serviço de eletrificação da Cemig-Ermig na sede e na zona rural.

- Construção do prédio e instalação da Biblioteca Pública Municipal D. Maria da Conceição Leite.

- Criação da bandeira e do brasão municipal.

- Construção do prédio para o correio e agência bancária, levando o Banco Safra a se estabelecer no município.

- Construção do prédio do posto médico da Vila de Fátima.

- Aquisição do imóvel e construção da quadra poliesportiva.

- Instalação do sistema DDD da Telemig.

- Aquisição de equipamentos de transporte do DER.

Nolberto Sampaio quis fazer o seu sucessor, ignorando os compromissos que o levaram à prefeitura. Rompeu com as forças políticas mais tradicionais e os seus candidatos, Raimundo Nonato Alves Coelhos e Carlos Mariz, perderam a eleição para José Oliveira e Antônio Fernandes Neto.

O 6º PREFEITO

1983 - 1989

José Antônio, ainda em exercício, tem a honra e a glória de comemorar as Bodas de Prata do município que ele viu nascer naquela memorável madrugada de 30 de dezembro de 1963. Comemora com uma enorme e valiosa obra administrativa, através do trinômio "Trabalho, honestidade, participação comunitária".

Suas principais realizações até agora são:

- Reorganização da prefeitura, com a criação de cargos e funções.

- Criação e instalação de creche em convênio com a LBA.

- Aquisição e reforma do imóvel para a sede da Creche Casulo Tia Noca(homenagem a sua falecida esposa, Noêmia Boaventura de Oliveira).

- Instalação da repetidora de TV no alto do morro.

- Estrada de acesso ao pico do Morro, favorecen-

do o turismo.

- Calçamento de todo o perímetro urbano.

- Construção, urbanização e ajardinamento da Praça São Sebastião.

- Construção da Praça Renato Azeredo.

- Construção da nova Ponte do Bicudo, do Picão e do Córrego do Morro.

- Aquisição de uma retroescavadeira.

- Aquisição de um caminhão Mercedes Benz e de uma caminhoneta Volks Parati.

- Aquisição de pontes pré-moldadas instaladas no Saco da Onça, Mariquita e Serragens (Ponte do Teli).

- Manutenção e reforma anuais das estradas municipais, assim como de obras de arte(bueiros) no vertedouro da Lagoa do Peixe e córregos Mocó e Matinho. Obras semelhantes foram feitas no Campo Alegre, Lagoa e Serra Preta.

- Criação do programa e do serviço municipal de habitação, ajudando a população carente na construção e reforma de habitações.

- Construção de garagem e almoxarifado municipal.

- Reforma do cemitério municipal.

- Criação do Parque Infantil Menino Jesus.

- Presidente por dois mandatos da Associação dos Municípios do Médio Rio das Velhas, a MEV extrapola o seu dinamismo por toda a região.

José Antônio, em fase final de mandato, marcou o tempo e fará história que deverá ser contada através do reconhecimento dos seus concidadãos. Isto é uma certeza.

Ainda faltam ser incluídos na lista de realizações inúmeros itens. Entretanto, para não ser muito longo, prefiro citar somente os seguintes:

- Reativação e reconstrução da estrada Morro da Garça/Arrepiados, via Mato do Curral e construção de vários bueiros no seu trecho.

- Reconstrução do acesso à localidade de Extrema, via Morrinhos, com a conseqüente reforma da ponte sobre o córrego de Extrema.

- Construção de ponte sobre córrego da Siriema, ligando as localidades de Arrepiados, Siriema e Mutuca, e conexão para a estrada do ônibus de Curvelo/Morro da Garça.

- Construção de ponte sobre o córrego do Arrepiado; reconstrução e reativação da estrada que liga o povoado ao Morro da Garça, via Ponte do Riachinho.

- Ajuda, com material e mão-de-obra, para a construção do Dispensário e Miniabrigo Luíza Virgínia Diniz, da SSVP, inclusive subvenções mensais.

- Construção de casa para residência de professora da Escola da Lagoa e reforma da Escola do Riachinho.

- Reforma nas escolas de Campo Alegre, Lagoa, Cavalinhos, Mutuca, Flores e Arrepiados, sendo que nesta última foi ampliada uma área para residência de professoras.

- Reforma da ponte sobre o córrego Siriema, nas proximidades da Fazenda da Malhada do Negro, na estrada ligando Morro da Garça a Arrepiados.

- Aquisição de equipamentos para montagem da fá-

brica de bloquetes. Desse equipamento está sendo usada somente uma betoneira, tendo em vista que a fabricação de pré-moldados encareceria sobremodo o calçamento. Depois de uma consulta prévia, a população optou pelo calçamento com pedra poliédrica, já implantado em quase toda a cidade.

- Aquisição de um carrinho manual para transporte de féretros (carrinho funerário).

- Aquisição de uma possante máquina elétrica para poda de grama em praças, parques e jardins.

- Reforma completa do prédio da CENEC - Escolas da Comunidade - com a construção de mais uma sala, destinada à administração.

- Construção da grade circular na Escola Padre Joaquim José da Silveira, com uma pequena ajuda da Secretaria de Ação Comunitária - SEAC.

- Compra, mediante leis autorizativas da Câmara Municipal, de vários imóveis, aumentando o patrimônio municipal.

- Aquisição de móveis e equipamentos para a Biblioteca Pública, secretaria e tesouraria, almoxarifado, inclusive a instalação de novos bebedouros e sanitários.

- Aquisição, para a Creche Casulo, de um moderno gabinete dentário, já integralmente pago.

- Ampliação e reforma do Posto de Saúde, com sala de espera, ambulatório, recepção, administração, instalações sanitárias e bebedouro.

- Melhoria no fornecimento de água ao Bairro Pompéia, com a aquisição de uma possante bomba de sucção

elevatória.

- Complemento de energia e iluminação elétrica nas ruas Boaventura Leite, Antônio Soares e Riachuelo.

Relação de Vereadores da Câmara Municipal de Morro da Garça nas diversas gestões.

Período: 1963 - 1967

Vicente de Paulo Boaventura
Arnaldo Moreira Marques
Antônio Vicente Leite
Edgar Pereira Leite
Nolberto Sampaio
Antônio Cândido de Souza
Sandoval Pereira Moriz
José Lúcio Diniz
Expedido Pereira da Silva

Período de 1967 - 1971

Vicente de Paulo Boaventura
José Raimundo da Silva
Antônio Vicente Leite
Antônio Coelho da Rocha
Arnaldo Moreira Marques
Franco Ribeiro Lopes
José Lúcio Diniz
Antônio Maximiano Filho
Antônio Cândido de Souza Filho

Período: 1971 - 1973

José Coelho da Rocha
Franco Ribeiro Lopes
José Luís de Oliveira

José Augusto Leite
Vicente de Paulo Boaventura
Isael Manoel Marques
Geraldo Dias Alves
Ulisses Fernandes de Araújo
Antônio Cândido Diniz

Período: 1973 - 1977

Vicente de Paulo Boaventura
Nolberto Sampaio
José Leônidas do Rego
José Raimundo da Silva
Geraldo Pereira de Magalhães
José Alves de Souza
Ulisses Fernandes de Araújo
Isael Manoel Marques
Geraldo Dias Alves

Período: 1977 - 1983

José Augusto Leite
José Lúcio Diniz
Isael Manoel Marques
Geraldo Pereira Leite
João dos Reis Soares
Geraldo Magela Coelho
Marcelino Fernandes de Souza
José Alves de Souza
José Leônidas do Rego

Período: 1983 - 1989

Isael Manoel Marques
José Lúcio Diniz

Geraldo Magela Coelho
Pedro Paulo Leite
Sebastião de Freitas Matos
Adílson Silveira
Onofre Soares Leite
José Arcanjo da Silveira Neto
José Alves de Souza

FATOS EXCEPCIONAIS E OUTROS FATOS

Nesse apanhado de fatos e notícias de um quarto de século, não poderia ficar de fora aquilo que é destaque, sobretudo pelo seu alto sentido comunitário e de valorização humana. Citaremos alguns.

O GINÁSIO

Com os novos ares de cidade, começaram a brotar as aspirações do seus habitantes. Antes, estudar era um privilégio de uns poucos afortunados. O 4º ano de grupo era o desaguadouro da maioria. Esses desejos foram percebidos e canalizados pelo Padre João Batista Boaventura Leite, então vigário do Morro.

As idéias se cristalizaram com a fundação do Ginásio Comercial de Morro da Garça, a 22 de julho de 1968. Ligado à Campanha Nacional das Escolas de Comunidade, o ginásio iniciou suas atividades em 1º de março de 1969.

Seu 1º Diretor foi José Boaventura Leite Júnior; o 2º o próprio Padre Leite, sucedido por Raimundo Nonato Alves Coelho, de 1973 até esta data. Serviu de modelo para inúmeras outras comunidades, como Presi-

dente Juscelino, Santo Hipólito, Augusto de Lima e até a longínqua Berilo, no Vale do Jequitinhonha. A sua ação de promoção da terra e da sua gente foi e é excepcional. Inúmeros morrogarcenses que aqui iniciaram os seus estudos já atingiram a universidade. Até 1987, 197 concluíram o curso e foram diplomados no 1º grau.

A secretaria do estabelecimento teve como 1ª encarregada D. Ivonete Maria Leite; posteriormente, Maristela Alves Coelho, em exercício até esta data.

Desde a fundação, a instituição se mantém através da ajuda da comunidade, de pagamentos simbólicos dos alunos e de outras doações não muito freqüentes. O corpo docente também recebe o que é possível pagar, num trabalho meritório e significativo. No Ginásio Comercial do Morro da Garça, hoje denominada Escola de 1º Grau, ninguém deixou de estudar por não ter recursos - belíssimo exemplo.

Desde o início, todos os professores se beneficiaram da Previdência Social, com suas carteiras assinadas, e alguns até já se aposentaram.

Nesses 20 anos, esses são os professores que fizeram ou fazem a vida do nosso Ginásio; muitos são ex-alunos. A eles, o reconhecimento da comunidade:

Corpo Docente:

Padre João Batista Boaventura Leite

José Boaventura Leite Júnior

*Ivonete Maria Leite

*Angélica Maria Leite Coelho

*Míriam Ribeiro do Rego

Dilza maria Alves
Antonina Ferreira dos Santos
Margarida Maria Leite França
Geraldo Magela Lélis França
*Raimundo Nonato Alves Coelho
Margarida Ferreira dos Santos
Luíza Pereira Leite
*Helena Luíza Pereira Dias
Antônio Boaventura Filho
*Maristela Alves Coelho
Marlene Soares Diniz
Ilda Maria Guimarães Oliveira
Maria de Fátima Alves Coelho
*Rosa Maria Fernandes
*Neusa Maria de Almeida (ex-aluna)
Nolberto Leite Sampaio (ex-aluno)
Maria Elizabeth Leite Sampaio (ex-aluna)
Cleusa Maria Figueiredo
*Maria das Graças Pereira
*Marinete Alves Fidelis
Ana Maria de Oliveira (ex-aluna)
Maria das Graças Silveira (ex-aluna)
Erlânio Alves Leite (ex-aluno)
Rosa Maria Damásio Moura
*Ieda Lúcia da Silveira (ex-aluna)
*Marisdete Alves Fidélis

*Atualmente ainda prestam serviços à Escola.

ERRADICAÇÃO DO BARBEIRO

Melhoria das condições de Habitação-Movimento Comunitário

Quando da emancipação, a população carente do Morro, em sua maioria, residia em habitações modestas, com paredes de reboco rústico, cobertas de capim ou pindoba (folha de coqueiro rasteiro). Nessas residiam também o chupão ou barbeiro hematófago, transmissor eletivo da doença de Chagas. Naquela época, o índice de doença era muito alto em nossos conterrâneos.

Um trabalho pioneiro foi iniciado pelo Pe. Leite, usando recursos de promoções da igreja, de campanhas específicas na comunidade e até de recursos próprios, sem esquecer também o valioso sentido do trabalho em mutirão: "Todos Ajudam a Todos". O aspecto da cidade mudou como mudou a saúde do povo.

Outras campanhas foram iniciadas pelo então vigário, como horta comunitária, fabricação de tapete arraoilo, vinculada à Grande Cooperativa de Diamantina.

Alguns trabalhos frutificaram e permaneceram, outros se perderam no tempo, o que foi e é lamentável. É necessário reestruturá-los.

SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

A obra vicentina chegou ao Morro através de confrades de Corinto, que aqui fundaram a primeira conferência. Hoje são duas conferências, que trabalham em função dos menos afortunados. A festa de São Vicente, anualmente celebrada, já se inclui no calendário litúrgico da Paróquia do Morro. O trabalho vicen

tino tem por norma fazer o bem sem dizer quem o fez e quem o recebe.

Não vamos contrariar o espírito vicentino, mas fica a referência ao fato, que é importante e precisa crescer mais e mais.

O ESPORTE

O futebol, paixão brasileira, é jogado no Morro há mais de 60 anos. Por muito tempo, ficou desativado e dizem os mais velhos que, em vez de esporte, era guerra de tapas, tiros... e facadas. Também era no tempo do beque de avanço, do beque de escora, do chute na canela, da bola correndo e todos a ela.

Em 1947, Zezé Boaventura reorganizou a coisa com férrea disciplina e fundou o Vila Esporte Clube, com uniforme igual ao do Vasco do Rio, sua paixão maior. Nesses 40 anos, a história do Vila tem muito a contar, muitas vitórias e derrotas outras tantas. Foi o Vila o responsável pela mudança da mentalidade de muitas gerações, melhorando o relacionamento e a postura dos jovens, unindo-os.

Com o futebol, acabou o receio dos visistantes de que era perigoso vir ao Morro. Na verdade, antes era perigoso mesmo. Melhor não falar nisso... Valentia e brabeza não é nada agradável, mas eram verdades.

Os 40 anos do Vila foram comemorados no ano passado com bonita festa organizada pelo Zé Padeiro e por D. Tereza, com eleição da rainha, diplomação de atletas e ex-atletas, comidas, bebidas e danças.

Espera-se, agora, a construção da sede social desse valoroso representante do nosso esporte amador. Va-

mos fazê-la, gente? Há alguns anos, criou-se o Vasquinho, trabalho de um grupo de jovens, que hoje já não é tão jovem assim. Por que não somar de novo e fortalecer o Vila?

Com a construção da quadra poliesportiva, outros esportes estão se desenvolvendo para o bom lazer de nossa comunidade.

GRUPO DE JOVENS

Há uns poucos anos, criou-se um movimento de integração da juventude do Morro, denominado Grupo de Jovens. Não conhecemos os seus estatutos, se é que existem. O nome já é de alto sentido, mas precisa se clarificar mais, transparecer mais, mostrar ao que veio, renovar, integrar. Acho importante a sua existência e a sua participação na vida da cidade, no presente e no futuro.

Fica aqui o desafio: vamos dar transparência e avançar? Aos jovens, tudo, desde que bem orientados.

O MINIMUSEU DA CIDADE

O propósito era reunir, no velho casarão de José do Boa, as fotos, os documentos, os móveis, os utensílios e tudo aquilo de uso de uma típica família do sertão mineiro. A idéia evoluiu, e, hoje, uma das mais antigas construções do Morro da Garça foi conservada na sua concepção original e guarda o acervo histórico dos Boaventura, assim como da terra e de sua gente e até dos primitivos habitantes dessas plagas, os índios arrepiados. Foi e é uma tentativa de guardar

o passado para o conhecimento do presente e do futuro. O interessante é que o imóvel não perdeu a sua condição de residência permanente para alguns e eventual para outros, que fazem dele o seu ponto de encontro , de lembranças, de reminiscências e de saudades.

Gerações e gerações de morrogarcenses são presenças permanentes na suas paredes, numa agradável composição de ambientes. A sua inauguração ocorreu em 31/5/87, durante a realização do II EMBOAS - Encontro Marcado com os Boaventura - na oportunidade, o prefeito municipal, José Antônio Oliveira, proferiu as seguintes palavras:

"Meus queridos amigos, minhas senhoras, meus senhores. Minha presença neste evento é estritamente motivada por um sentimento todo pessoal, não sendo de cunho político, partidário ou representativo do município.

O laço afetivo que me prende à família Boaventura não se desatará tão facilmente no decorrer dos tempos. Ele é firme, sincero, espontâneo e mais se entrelaçou durante 22 anos, quase um quarto de século, vividos debaixo deste teto, acolhido com ternura e carinho por todos os que aqui moravam.

Seria mentir contra minha própria consciência não afirmar que aqui passei bons tempos de minha vida. Foi neste casarão, quase centenário, que encontrei paz e tranqüilidade de espírito. Foi aqui que tive a dupla felicidade de amar e ser amado por duas divinas criaturas, imagens que se confundiam: esposa e mãe. Noêmia, minha querida esposa, que foi parte de minha

própria vida e disto Deus é testemunha; Dona Maria Amélia, modelo de virtudes, pólo de caridade, amparo dos corações angustiados, segunda mãe que conheci e que muito amei.

Por circunstâncias especiais, estou distante, aparentemente distante, mas bem perto, muito próximo mesmo, na recordação de tantas venturas boas e boas venturas recebidas.

Inegavelmente, por dever da justiça, não se pode deixar de reconhcer a grande parcela do trabalho daqueles que iniciaram este mini e sentimental museu de preciosidades e relíquias.

Ao Dr. Helvécio, a seus irmãos, sobrinhos e demais parentes que ajudaram nesta obra, marco de cultura de nosso Morro da Garça, quero apresentar as minhas congratulações."

ASFALTO, O GRANDE SONHO

Nossa pequena comunidade, que muito progrediu nesses 25 anos, não vai viver sob os loiros conquistados. Há muita coisa por fazer, há muitos desejos a serem cumpridos e, entre eles, se destaca a implantação de 15 km de asfalto da rodovia BH-Montes Claros. É o desejo de todos. Os estudos já foram feitos e constam do programa rodoviário do Governo Newton Cardoso, por solicitação do nosso prefeito e dos deputados majoritários do PMDB - Dalton Canabrava e Armando Costa. Ao candidato a prefeito do PMDB, Antônio Boaventura, foi, pelo Governador, reafirmada a realização da obra.

Só temos de acreditar...

CONCLUSÃO

Esse pequeno documento procurou, na descrição e interpretação dos fatos, mostrar do que é capaz uma pequena comunidade, quando definidos são os seus objetivos e corretos os seus condutores. Levantamos 25 anos de sonhos, de lutas, de realizações e de frustrações (poucas).

A história do Morro, nesse período, foi vivida por nós a cada dia e a cada hora, com permanente zelo e amor quase paternal. Num certo momento da vida, o sentimento de filho passa a ser sentimento de pai.

É o que sentimos agora, todos, todos nós que, naquele janeiro de 1962, criamos a Comissão de Emancipação do então distrito de Curvelo.

É o sentimento, também, de todos aqueles que ajudaram — autoridades, prefeitos, vereadores, pessoas nominalmente identificadas ou não, todas, sem exceção, partícipes desses 25 anos. Como antes, outros fizeram a História até 1962; cabe agora a outros continuar a fazê-la com amor e dedicação e sem interesses pessoais e imediatistas.

Fazê-la e escrevê-la nos atos e fatos do cotidiano, pois a História é o dia-a-dia, e que o façam melhor do que a nossa geração, que já começa a ser passado.

Restam-nos as desculpas pelas omissões, pelas possíveis injustiças de julgamento - esse não foi o espírito deste ordenador de fatos e pretenso contador de histpórias.

Agradeço a todos que ajudaram; a todos, mesmo.

Morro da Garça, outubro de 1988.

M Rego

O PASSADO E PRESENTE

CRECHE TIA NOCA

PRAÇA CAPITÃO REGINO

PRAÇA DEPUTADO RENATO AZEREDO

A HOMENAGEM DE JOSÉ ANTONIO AO SAUDOSO LÍDER EMANCIPADOR

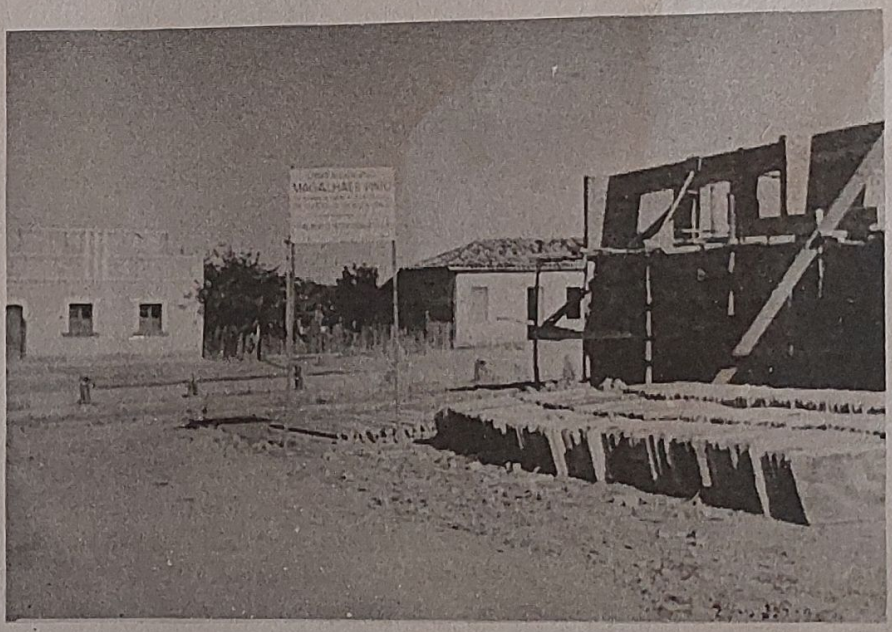
PRAÇA SÃO SEBASTIÃO

NAQUELE TEMPO E AGORA

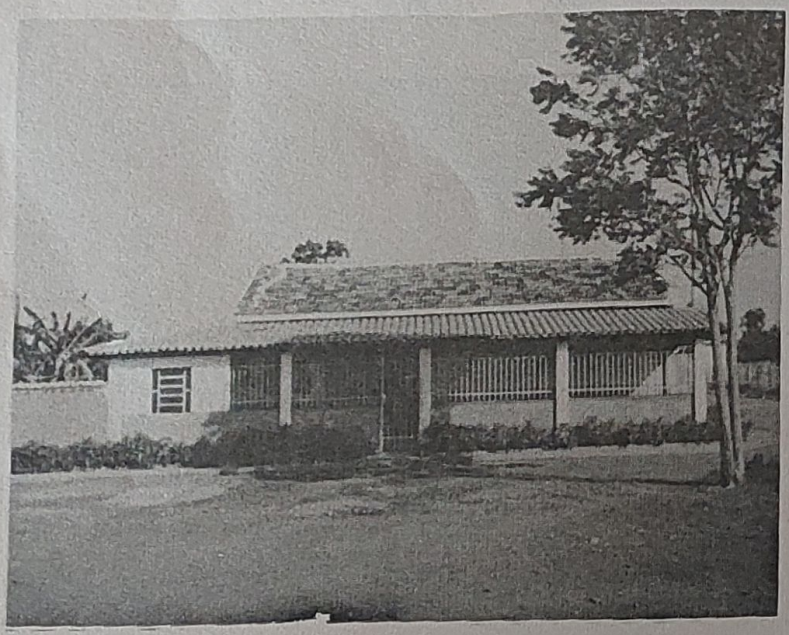
A FESTA DA LAVOURA

1966 - O DEPUTADO LÚCIO DE SOUZA CRUZ E O PREFEITO, JOSE BOAVENTURA,

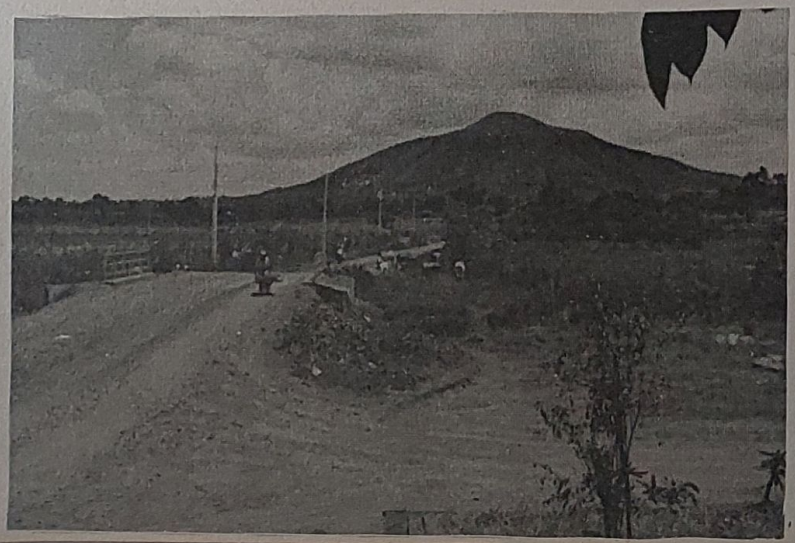
CONSTROEM E INAUGURAM



A UNIDADE DE SAÚDE

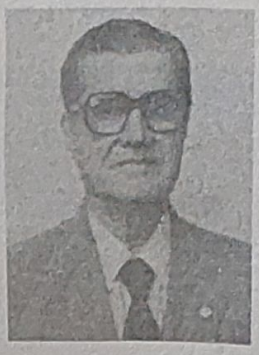


A NOVA PONTE DO RIACHO DO MORRO



OS EMANCIPADORES

Deputado Lūcio de Souza Cruz



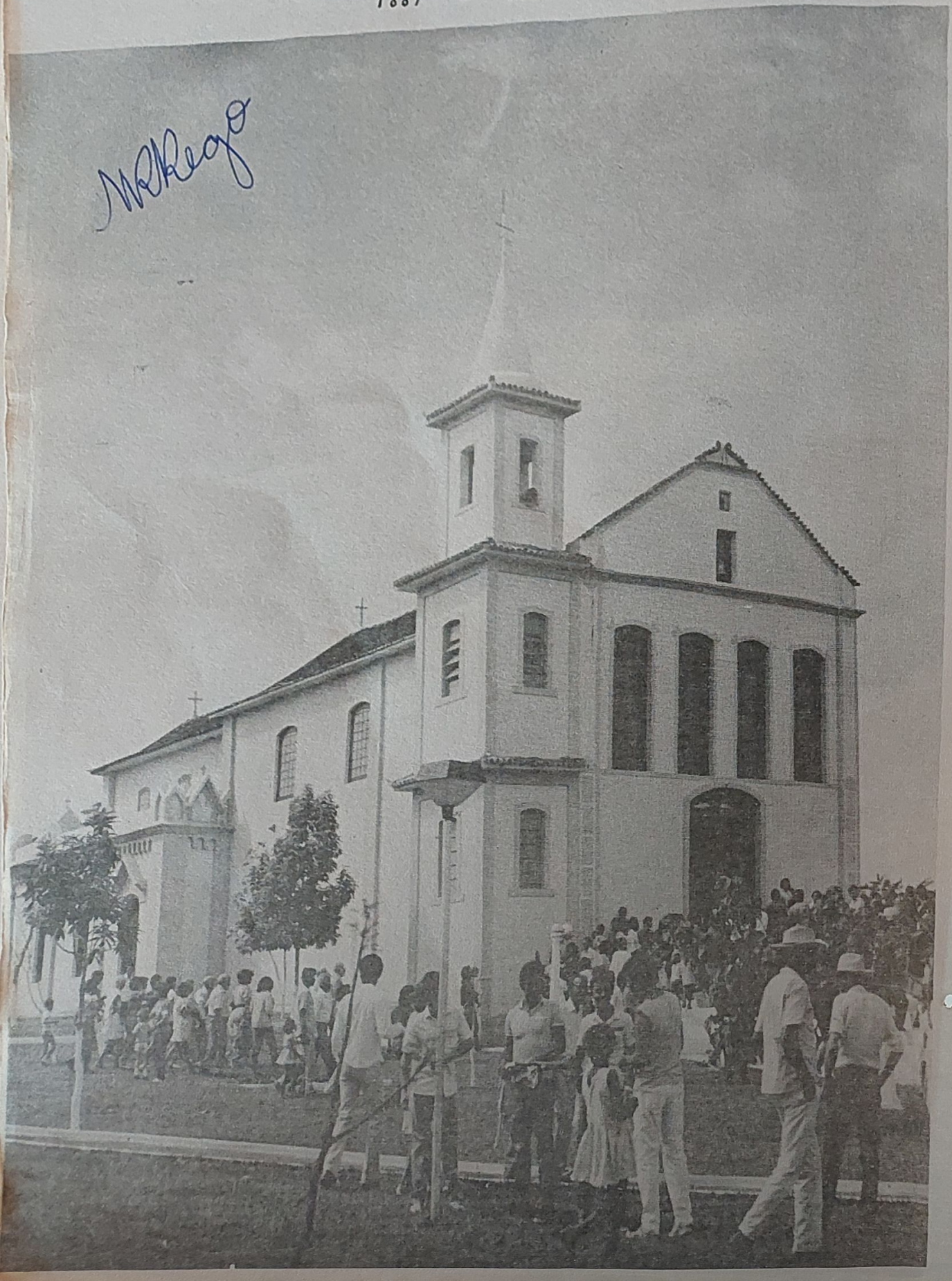
Deputado Renato Azeredo

As Primeiras Autoridades Eleitas

Prefeito: José Boaventura Leite Junior; Vice-Prefeito: Joaquim Francisco Pereira Leite; Vereadores: Antônio Cândido de Souza, Arnaldo Moreira Marques, Antônio Vicente Leite, Edgar Pereira Leite, Expedido Pereira da Silva, José Lūcio Diniz, Nolberto Sampaio, Sandoval Pereira Mariz, Vicente de Paula Boaventura.

A FESTA DA IGREJA CENTENÁRIA

1887 - 1987



JOSÉ ANTONIO. OBRIGADO POR TUDO QUE TEM FEITO PELO MUNICÍPIO

José Antonio de Oliveira, presente desde o início nesses 25 anos, encerra este ciclo com o reconhecimento e gratidão da comunidade morro garcense. - Na fotografia com seus ilustres colaboradores, deputado estadual Armando Costa, Vice-Prefeito Antonio Fernandes Neto e deputado federal Dalton Canabrava.